

JOÃO FRANCO

FERAS HUMANAS



Editorial Divergência

Dezembro de 2025

FICHA TÉCNICA

Título: Feras Humanas

Autor: João Franco

Coordenação editorial: Arlete Gomes

Edição: Arlete Gomes

Revisão: Arlete Gomes

Artista de capa: João Rodrigo Carvalho

Composição: João Bento

ISBN: 978-989-9331-03-7

Este livro foi composto pelos tipos:

Palatino Linotype e Kapros

©2026 Grupo Editorial Divergência

©2026 João Franco

©2026 João Rodrigo Carvalho

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Grupo Editorial Divergência

Centro de Negócios de Ansião, Gabinete 8

Parque Empresarial do Camporês

3240-465 Chão de Couce

Portugal

Website: <https://divergencia.pt/>

E-mail: geral@divergencia.pt

Telefone: 928 155 850

O Grupo Editorial Divergência e a Editorial Divergência são marcas da DNL Convergência, Lda.

Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.



*Para a minha mulher,
Papoula de amor e perdão.*

*“Aquele que salta para o vazio não deve explicações
aos que ficam parados a assistir.”*

Jean-Luc Goddard

*“O meu brinde de Passagem de Ano:
a todos os demónios, luxúrias,
paixões, ganâncias, invejas, amores, ódios,
estranhos desejos, inimigos fantasmagóricos e reais,
o exército de memórias, com o qual eu combato
— que possam nunca dar-me paz.”*

Noite de Passagem de Ano de 1947, Patricia Highsmith

“O belo é sempre bizarro.”

Charles Baudelaire

PARTE I

OS ENAMORADOS

*“Quem um dia há-de ter muito a proclamar,
tem de calar muita coisa dentro de si.
Quem um dia quiser acender um relâmpago,
Tem de por muito tempo — ser só nuvem.”*

Friedrich Nietzsche,
Poemas

1

Há mais de quarenta anos, quarenta e três para ser exacto, que a enorme nave de colonização tinha deixado a Terra, mergulhando a uma espantosa velocidade no espaço profundo graças à propulsão de fusão nuclear, que permitia velocidades máximas muito elevadas. Agora, finalmente, a *Arizona* aproximava-se do seu destino, o planeta Xanthos, que circundava uma estrela vermelha. Aquele sistema solar para onde o imenso bólido espacial convergia, era relativamente simples, constituído apenas por dois planetas principais e quatro satélites que orbitavam Xanthos. Sendo uma viagem tão longa, era, como é óbvio, uma viagem só de ida. Os colonos, ao pousarem no planeta ficariam isolados até ser descoberto um novo método de viajar que encurtasse a distância-tempo entre a Terra e Xanthos, se isso fosse possível durante as suas vidas. Teriam de lembrar-se da dívida que contraíam para com o seu berço, a Terra, e no futuro, quando um modo mais rápido de viajar fosse descoberto, o comércio seria estabelecido e mais colonos poderiam deixar o planeta azul rumo a Xanthos. Naqueles moldes era impensável, as viagens de ida e volta demorariam mais de oitenta anos. Era um investimento para o futuro, diversas grandes naves semelhantes à *Arizona* tinham partido da Terra, desbravando o vácuo do espaço.

A nave que, há tantos anos, partira da Terra chegava agora àquele singelo sistema solar, e ao planeta que as sondas tinham demonstrado possuir água, sob a forma de mares, lagos e rios, oxigénio e outras condições indispensáveis à vida humana. A bordo seguiam, como sardinhas em lata, humanos, sementes, animais, tudo o que seria necessário. Na sala de comando, Brian Wilkinson cofiava a barba grisalha curta que lhe cobria o rosto e recordava-se da partida, como se tivesse ocorrido no dia anterior. Na altura era jovem, e nada o enchera mais de orgulho do que ter sido seleccionado para aquela viagem só de ida. Parecia-lhe a única saída possível para quem quisesse viver aventuras, já que a Terra estava desde há muito sobejamente explorada, sobrepovoada, e os humanos acotovelavam-se em cidades poluídas e habitações cada vez mais minúsculas e mais caras, enquanto apenas os muito ricos ou os muito afortunados podiam usufruir de uma vida calma e cheia, em comunhão com a Natureza. As megalópoles terrestres eram onde a maioria sobrevivia como podia, e onde diversos governos tomavam medidas cada vez mais rígidas contra o excesso populacional dos países menos desenvolvidos.

A sobrepovoada Terra, fustigada por uma expansão demográfica avassaladora em África e na Ásia, e vítima de catástrofes ambientais e de escassez de recursos, tinha obrigado, por grande pressão mediática e popular, os governos das Nações com capacidade para tal, a enviar milhares de sondas para o espaço profundo em busca de vastos espaços habitáveis e também de recursos que permitissem substituir os da esgotada Terra. Claro que as Nações mais pobres não tinham possibilidade de competir nesta corrida, e quando se começaram a preparar as primeiras naves gigantescas para partir, estas tinham no seu casco os brasões das grandes potências. Algumas potências médias ainda tinham pensado em quotizar-se para construir e tripular uma nave, mas, como de costume, os desentendimentos egoístas tinham sido fatais para esses projectos pretensamente fraternos.

Quantas canseiras, quantos perigos tinham corrido aquelas mulheres e homens, mas o seu objectivo estava agora à vista. Muitas vidas tinham sido gastas a olhar para os monitores e a zelar pelos que dormiam, também pelos embriões que seriam boa parte dos futuros habitantes de Xanthos. Fora uma vida tão desgastante como poucos poderiam imaginar. Os tripulantes invejavam os colonos em animação suspensa, com a sua juventude preservada e que chegavam ao seu destino com toda uma vida pela frente. Parecera-lhes cada vez mais natural e justo que os tripulantes e as suas famílias usufruíssem de benefícios adicionais no planeta, pelo seu enorme sacrifício de décadas ao serviço daquela expedição colonizadora.

Os cem mil colonos ainda dormiam quando a *Arizona* se aproximou de Xanthos, e com eles estavam também muitos embriões de humanos e animais em animação suspensa, nos porões da nave cinzenta. Só depois de se efectuarem os trabalhos preparatórios na superfície do seu novo lar, os colonos seriam despertados do seu longo sono, acordando para tomarem conta da sua nova casa, todo um planeta só para eles.

Ao entrar na órbita de Xanthos a nave realizou, agora com maior fiabilidade, o levantamento topográfico geral do planeta. Havia um único continente, um pouco mais reduzido do que África e muitas ilhas de dimensão mais pequena. Não parecia haver muita vegetação, excepto nas zonas mais a Norte do continente e em algumas das ilhas a Sul. A zona intermédia era ocupada, à semelhança de certas regiões da Terra, por estepes e savana. Foi numa grande extensão plana de estepes, pontilhada de zonas verdejantes onde rios rasgavam a paisagem ou outras fontes de água afloravam à superfície, que a gigante *Arizona* pousou. No Leste do continente havia grandes cadeias montanhosas que pareciam competir com os Himalaias da Terra, em cujos cumes brilhavam as neves eternas. Talvez houvesse aí vales com clima propício para se instalarem povoações, mas isso não seria prioridade, visto que

correndo rapidamente ao longo do seu rosto. Sentiria a falta da velhota e das suas mãos macias, com cheiro penetrante a creme, que aqueciam as dele nas noites de Inverno. O ramo de flores ficou na jarra da sala, até murchar e mirrar por completo, tombando progressivamente e deixando cair as suas pétalas, uma a uma. Muito anos depois ainda se lembraria de Marion, sempre quando os primeiros frios chegavam. Que seria dela? Provavelmente morrerá, já não era nova. Ter-se-ia lembrado deles ao longo dos anos, ou fizera por esquecer-se?

3

A adolescência aproximava-se a passos largos e Brian sentia-se desencantado, além do mais sob a pressão das mudanças que o seu corpo sofria. Tinha ainda fresca na memória a partida de Marion, aquela dorzinha continuava, mais do que esperava, gostava mesmo da velhota. Desiludia-se cedo com a vida, já não achava graça a ver os vídeos da NASA em realidade virtual, a acompanhar as transmissões ao vivo que os astronautas da Estação Espacial Internacional ou os colonos da Lua e de Marte faziam. Tinha perdido a sua fé nas palavras, só acreditava nas acções, nisso ele podia confiar.

Com alguns amigos, costumava partir de bicicleta do seu bairro e infiltrar-se pelas zonas mais florestadas das redondezas. Seguiam com esforço e concentração, por vezes na brida, quase sempre algum acabava por aterrar no alcatrão. Voltava a casa com os cotovelos, os joelhos e as palmas das mãos feitas num oito. Era fácil pedalar naquela região, as planícies que abraçavam o rio Cedar estendiam-se por dezenas de quilómetros. Ao longo do rio, afastados da cidade, havia os casebres dos saloios, dos mais pobres de entre os pobres, que viviam de ajudas do governo, de algum trabalho sazonal que faziam nas quintas das redondezas, de pensões militares ou da criação de alguns animais.

A miudagem gostava de vaguear nas proximidades do casebre do velho Jeeves. Bom, na realidade ele não se chamava Jeeves, já nem ele se devia lembrar do seu verdadeiro nome, pois era pela alcunha que era conhecido por aquelas bandas. O casebre de madeira tinha sido construído sobre estacas, para evitar as fúrias do rio, em anos de cheias, isso já há umas boas dezenas de anos. O aspecto actual da cabana era de decadência e podridão. A porta de entrada já não fechava bem e os rapazes abriam-na, com os seus dedos hábeis, entravam-lhe afoitamente na casa, mas ficava sempre um de guarda, tinham medo, o que lhes fazia sentir um friozinho no estômago. Procuravam cigarros e cervejas, para dividirem entre si, mas raramente encontravam algum espólio que valesse a pena. O interior do casebre era sujo, imundo mesmo. Não havia uma peça do louceiro que não estivesse coberta de restos de comida, atulhando a bancada meio apodrecida da cozinha. No chão havia beatas dos horríveis cigarros baratos que Jeeves fumava, sujidade de todos os tipos manchava o soalho. A mesa estava sempre posta, com uma toalha que devia estar ali há anos, cheia de nódoas, caruncho e cheiro a comida azeda, repugnante. Pratos sujos e garrafas de cerveja vazias compunham o cenário. Baratas, formigas e outros insectos vogavam à vontade, cientes da indiferença habitual de Jeeves perante aquelas infestações, desde que não o incomodassem muito.

A latrina era ainda mais decadente, nem vale a pena falar muito dela, havia currais mais limpos. No geral, pairava na casa um cheiro a humidade, a falta de higiene, odores pouco agradáveis confundiam-se e penetravam pungentemente nas narinas dos garotos que se atreviam àquelas visitas. O quarto era mais uma exposição de misérias, um cheiro a corpo sujo, a humidade, a cinzeiro e a cerveja morta enchia o ambiente. Roupa enxovalhada, encardida, incluindo roupa interior, estava largada em monte no chão, do lado esquerdo da cama. Em cima de uma cómoda carunchosa, uma pilha

íngreme de roupa, supostamente lavada, era todo o guarda-roupa do vagabundo. Ao lado, duas garrafas de *whiskey* barato, vazias. As paredes estavam todas manchadas de insectos esborrachados, de dedadas gordurosas, as tábuas estavam sujas, podres, infectas, causavam repugnância. Era ascoroso.

Encostada à cabana, já bastante podre, sem pneus, o vidro de trás partido, havia uma velha *pick-up*, ainda anterior à proibição da circulação dos veículos a gasolina e outros hidrocarbonetos no país. Depois do fim daquela viatura, Jeeves passara a circular a pé, não tinha meios para fazer outra coisa. Além disso seria perigoso, um perigo público, dado o seu estado recorrente de embriaguez. Recolhia papéis e metais para vender, carregava alguns pesos ou pedia esmola onde podia. No Verão e no Outono, fazia uns biscates em quintas e ranchos, ganhava mais algum dinheiro, que rapidamente estoirava em cerveja, *whiskey* e tabaco. Família não se lhe conhecia. Como era um veterano da 1ª Guerra Sino-Americana, recebia todos os meses, a dia 7, a parca quantia de uma pensão, a que se juntavam algumas senhas do governo, que lhe davam direito a levantar farinha, ovos, feijões enlatados, pão e até algum toucinho fumado, em supermercados e mercearias locais. As pessoas da zona, já se tinham habituado a ele, algumas de má vontade.

O cabelo, bastante grisalho, dava-lhe quase pelos ombros e era liso e escorrido por virtude da muita gordura que tinha. Era, numa palavra, seboso. Andava sempre com a barba malfeita ou por fazer e a roupa suja e muito apertada ou muito larga, conseguida na caridade, nunca parecia ser do tamanho do seu corpo magro. Usava sapatos velhos, que lhe davam na igreja, todos descascados, nas últimas, ou ténis, já com buracos à frente, que ele arrastava por quase todo o lado. Não ia para a baixa da cidade, sabia que não era aí bem-vindo, entre os executivos, os banqueiros, as senhoras bonitas e elegantes da sociedade, que cheiravam a Paraíso, os grandes bancos, os arranha-céus de escritórios e bons hotéis, os seguranças

ou os polícias expulsavam-no rapidamente, sem qualquer dó. Algumas pessoas, mais caridosas, tinham pensado em interná-lo nalgum asilo, teria mais cuidados, banhos, comida a horas, mas seria difícil manter fechado aquele vagabundo por natureza. E, se não conseguisse fugir, talvez murchasse rapidamente, como uma papoila silvestre, que pouco depois de ser colhida, perde logo o seu viço.

Brian também o via, por vezes circulava no seu bairro, com uma boina surrada na cabeça, rondava os caixotes, os pontos de recolha de resíduos, para conseguir algo para vender ou levar para casa. O rapaz olhava muito para ele, não era comum aquele espectáculo por ali, era uma zona de pessoas trabalhadoras e sisudas, que içavam a bandeira no quintal, cantavam o hino com a mão no peito e ao Domingo iam à missa, com o melhor fato. Outras vezes, o moço cocava-o com os companheiros, por entre as árvores, quando ele chegava a casa, ao final da tarde, já bem carregado de álcool. Raramente conseguia subir as escadas de madeira de um fôlego, tropeçava e caía. A rapaziada ria-se à socapa, era para eles uma diversão garantida.

Brian continuava a crescer, gostava já de sentir alguma independência, o autocarro em que vinha da escola, já o deixava mais longe de casa, não queria andar no “veículo das criancinhas”, como ele dizia, que deixava a miudagem à porta de suas casas. Muitas das vezes percorria as ruas daqueles bairros humildes com alguns colegas, sentiam o gosto da liberdade, tinham ganas de vadiar por ali, de passarem as horas entre o fim das aulas e a chegada a casa, à sua maneira, na gandaia, tomando as suas decisões, numa precoce vida de madraços e estroinas, que descobriam os divertimentos da existência. Os pais já lhe tinham entregado uma cópia das chaves de casa, o que dava a Brian um sentimento de que começava, enfim, a entrar no mundo dos adultos, que já mostravam para com ele maior consideração e confiança.

Um belo dia, Brian apeou-se do autocarro no regresso da escola. O dia estava bonito, com o céu quase totalmente limpo,

alguns farrapos de nuvens de um branco-acinzentado coloriam o fundo azul do firmamento. Ainda tinha de andar uns quinze minutos até casa, e caminhava distraído. Subitamente, deu de caras com Jeeves, que lhe perguntou onde morava, dizendo-lhe depois, com veemência e certeza:

— Conheço um atalho! Anda por' qui mais eu!

Brian não sabia bem o que dizer. Hesitou um pouco, mas decidiu-se a acompanhar o velho vagabundo, não era propriamente um estranho. Ele já devia ter bebido um bocado, pois desprendia-se de Jeeves um cheiro pavoroso a cerveja. O rapaz sentia-se hipnotizado, atraído de forma inelutável pelas longas e sujas unhas de Jeeves, algumas com bocados partidos. A meio do caminho, o mendigo saca de uma laranja do bolso do casaco, uma bela e grande laranja, de umbigo. Começa a descascá-la rapidamente e com método, bastante compenetrado, nunca deixando de andar. Brian estava um bocado aparvalhado ao perceber que Jeeves queria partilhar a laranja com ele. O quê?! Ainda havia daquilo no mundo? Generosidade de onde menos se esperava, uma luzinha tremeluzente no meio de um negro e egoísta vazio? Jeeves dividia a laranja descascada, ao meio, enterrando as unhas encardidas dos polegares no centro do citrino.

Passou metade a Brian, com um sorriso de dentes estragados. Este, espantado, comeu, não podia recusar. Era dulcíssima, sem sementes, que boa! Ambos com meia laranja no estômago, prosseguiram, reconfortados. Um silêncio instalou-se entre eles, mas não um silêncio de incómodo, desagradável. Era antes um silêncio de compreensão, um silêncio sorridente, um entendimento que dispensava palavras, como se se conhecessem há muito tempo e fossem já velhos amigos. Separaram-se bastante perto da casa do miúdo, mas aquele encontro perdurou na memória de Brian. Passaram a cumprimentar-se quando se cruzavam e o rapaz já não se ria quando Jeeves chegava a casa bêbedo, respeitava o velho veterano. Sentia-se também revigorado, mais forte, capaz de

enfrentar de novo os seus desejos e aspirações. Queria um dia deixar aquele belo planeta azul, internando-se pelo vácuo do espaço, como um pioneiro, abrindo caminho rumo a uma nova casa.

4

O mais grave dos incidentes a bordo da *Arizona*, ocorrera logo no sexto ano da viagem. Um certo sector da tripulação começara a arrepender-se da decisão que tomara de gastar a sua vida nos confins do espaço, e seis anos de vida naquele ambiente rotineiro e, para alguns, claustrofóbico, tinham confirmado os seus maiores medos, que se tornavam em fobia galopante a cada dia que passava. Afinal, nem todos tinham estofo para enfrentar uma vida de luta e incertezas, preferiam um mal conhecido na Terra do que um hipotético bem desconhecido, que poderiam nunca alcançar. Em resumo, queriam que a *Arizona* invertesse a rota e regressasse à Terra.

Esta questão dera azo a intermináveis discussões e votações, das quais os retornantes tinham saído invariavelmente derrotados pelo poder numérico daqueles que estavam empenhados em continuar a viagem de contornos épicos, e na qual depositavam todas as suas esperanças. Além do mais, em última análise, a nave regia-se por uma rígida hierarquia militar e isso era mais um ponto contra aquela decisão que ia ao arrepio da missão que lhes fora confiada.

Então, numa noite semelhante a tantas outras, em que todos dormiam excepto o vigia de turno na sala de comando, um grupo de retornantes arrombou com ferramentas eléctricas os paióis da nave e, bem armado, tentou tomar de assalto o controlo. Infelizmente para eles, o vigia estava bem acordado, e nas câmaras de vigilância dera conta de movimentações suspeitas, o que o levava a accionar o mecanismo que trancava por dentro a porta de acesso à sala. Os revoltosos tinham-se

visto assim privados da vantagem da surpresa que lhes poderia ter permitido controlar a nave e dar meia-volta. Começaram a tentar arrombar o acesso à sala, mas o vigia dera o alarme, e pela primeira vez desde o início da viagem, a noite a bordo não fora sossegada. A revolta descambara em violência aberta entre os dois grupos de tripulantes e durante dois dias tinham-se sucedido os tiroteios e as escaramuças. Muitos tinham morrido nas refregas ou no fogo cruzado, que apanhara tripulantes desprevenidos. Fora um inferno de tiros e explosões, de balas que zuniam ou ricocheteavam nas anteparas metálicas da *Arizona*, e, em algumas ocasiões, em vez de metal encontravam um corpo frágil pela frente. Os clarões dos disparos das armas de pólvora, iluminavam os conveses da nave. Os mais inteligentes ou mais cobardes, preocupavam-se em não sair dos seus aposentos, que mantinham trancados e até barricados com mobiliário. Aguardavam pelo final daquela tragédia para saírem dos seus abrigos seguros e analisarem o desfecho, decidindo depois qual seria a atitude a tomar.

Ecos de tiros e de explosões, e os raios coloridos de *lasers* rasgavam a noite artificial, que habitualmente era pacata. Os revoltosos eram poucos, mas estavam bem armados e, ensandecidos, entregavam-se à batalha com dobrados esforços, pois queriam mesmo colocar um ponto final naquela odisseia espacial. Os tripulantes fiéis estavam decididos a não dar tréguas, era uma batalha pelo domínio da *Arizona* e pelo destino da missão e todos aqueles que lutavam percebiam isso. O fervor dos rebeldes não conseguiu levar a melhor sobre o número dos fiéis e todos os revoltosos foram mortos, julgados em tribunal marcial. O desfecho não poderia ser outro, se queriam evitar acontecimentos semelhantes no futuro. Tinham sido bastantes os tripulantes a sofrer a sanha cruel dos retornantes, apanhados no calor da refrega ou por disparos perdidos.

Os tripulantes remanescentes tinham percebido que a revolta os tinha enfraquecido em número, mas reforçado

imensamente a sua coesão. Agora eram verdadeiramente uma grande Família, com vários ramos que se destacavam. Estavam determinados em sobreviver e perpetuar a sua descendência em Xanthos. Sentiam que Xanthos lhes pertencia mais, por direito, do que aos colonos que seguiam como que adormecidos na *Arizona*, plácidos e serenos, muito mais do que aos embriões. Seria uma dívida eterna que os colonos e mesmo a Humanidade em geral teriam para com eles, e tratariam de fazer com que fossem bem pagos por isso. As diversas famílias que dominavam a tripulação pensavam em fazer com que as riquezas de Xanthos caíssem nas suas mãos e, para tal, numa sessão solene, presidida por Peter MacLeod, o comandante da nave à data, tinham firmado um pacto formidável, selado com sangue e válido por séculos e séculos. Marcavam presença os Green, os Smith, os Bush, os Wilkinson, os Robertson, os Brown, entre muitos tripulantes individuais ou de famílias de somenos importância, que doravante seriam conhecidos como os Autónomos. Os tripulantes da *Arizona*, estabeleciam uma hierarquia secreta. A ordem era: no topo, as Famílias, seguidas pelos Autónomos, abaixo os colonos e mais abaixo ainda os cidadãos criados a partir dos embriões, e seus descendentes. Em suma, um forte imobilismo social.

O ambiente revestia-se da mais profunda solenidade, e corria no ar do grande salão de reuniões um ambiente fraterno e de cumplicidade entre todos aqueles tripulantes, que já tanto tinham vivido juntos. Só as crianças, ainda tenras e ingénuas, nada entendiam do que se passava e aguardavam o desfecho da sessão, mais ou menos inquietas, com risinhos estridentes e as habituais picardias entre elas. Peter presidia à sessão na mesa de honra, ladeado por um representante de cada Família. Entre eles tinham levado semanas a discutir os termos da aliança que pretendiam solenemente firmar, até chegarem a uma conclusão satisfatória, a um consenso sobre quais seriam as grandes linhas da estratégia futura das Famílias e como operariam em termos práticos. Ficou decidido

que cada Família tentaria dominar um sector da economia que seria construída em Xanthos, para assim poderem combater os adversários livremente, mantendo o domínio dos tripulantes da nave colonizadora sobre os outros cidadãos, e aliar-se-iam entre si para o controlo da economia como um todo. A banca era um sector à parte, onde cada Família teria representação equitativa nos bancos que fossem fundados em Xanthos. Quanto à política, fundariam e financiariam um partido político, sendo que poderiam financiar outros ocasionalmente e cobrar os dividendos políticos quando a situação fosse favorável. Subornos e corrupção não estavam afastados, se fossem imperativamente necessários para conseguir a manutenção dos seus privilégios, ou para manter o controlo, que almejavam fosse longo, sobre o planeta que iam colonizar.

Peter tinha mandado fazer um anel para cada representante, simbolizando o momento e o brasão que cada Família escolhera para si. Fora um trabalho de talento, levado a cabo por um artesão das oficinas da nave e agora os vários anéis de ouro lavrado com os motivos escolhidos por cada representante estavam na frente destes, em caixinhas abertas forradas a veludo negro, voltadas para o público, que de longe admirava o refulgir do ouro sob as luzes do salão. Depois de longo falatório e salamaleques, todos os representantes e o comandante assinaram a carta, que ficaria bem guardada, como documento perene do Pacto assinado e marcado com gotas de sangue, qual lacre vivo. Ao juntarem os seus sangues naquela folha, as Famílias tornavam-se numa só. O javali, a águia, o bisonte, o puma, o urso e o lobo eram os brasões escolhidos e gravados no ouro.

Concluída a assinatura, a sala rompeu numa estrondosa salva de palmas! Os adultos tinham no rosto sorrisos genuínos de satisfação, enquanto as crianças, meio apalermadas por aquele súbito trovejar, olhavam de olhos esbugalhados, umas também aplaudindo, sem saberem porquê, outras apenas mirando aquela inusitada reacção dos adultos,

muitos deles habitualmente sisudos e impacientes para com as suas travessuras, quando brincavam correndo e pulando pelos conveses da nave.

5

Chegara o dia com o qual ele sonhara desde criança, mas, para sua surpresa, a boa notícia deixava-lhe sentimentos contraditórios. Fora um dos escolhidos para rumar ao Sul, para se apresentar para treinos intensivos, físicos e militares. Iria ter formação de pilotagem para além de condução de veículos de emergência espaciais e de diversos tipos de veículos terrestres que seriam usados na colonização; treino de sobrevivência em terra e na água; natação; exposição a câmaras de alta e baixa pressão e a forças G; treino em robótica; em fisiologia e medicina espacial e simulação de caminhadas espaciais. Ao fim de ano e meio, dar-se-ia a grande apoteose para Brian. Embarcar como tripulante na *Arizona*, uma nave inter-estelar que estava a ser construída, e partir para um planeta distante, no espaço e no tempo, numa viagem só de ida. Isso tudo parecia-lhe, naquele momento, comparativamente fácil, face àquilo que tinha de fazer agora, dar a notícia aos pais.

Desembarcara no aeroporto, a cerca de nove quilómetros da cidade. Tomara um táxi autónomo, que o levaria a casa dos pais. O veículo percorreu rapidamente a distância que separava o aeroporto da cidade. Brian ia imerso nos seus pensamentos, ainda não sabia bem como iria dar a notícia. A irmã tinha saído da cidade para estudar, estava em Chicago, provavelmente ficaria por lá depois, ou iria para outra grande cidade, como Nova Iorque ou Los Angeles. As grandes metrópoles de betão, onde as multidões se apinhavam e as pessoas circulavam apressadas, como formigas, obcecadas, frenéticas, continuavam a ser o principal centro de atracção para os humanos. As pessoas convergiam para lá em busca do

Los Angeles. Gostara tanto que comprara quase de imediato o livro de Jack Kerouac, em que autor fazia um relato bastante vívido e fidedigno do caminho que o levaria a morrer jovem, com o fígado destruído pelo álcool, mas também da sua estadia naquela costa, durante a qual vira todo o poder agreste e bruto da Natureza impiedosa, que descrevera de forma soberba.

Ali, também, picos rochosos emergiam por entre o nevoeiro que brotava do mar, e imponentes falésias terminavam abruptamente, sendo lenta, mas continuamente escavadas pelo mar e pelo vento. Aqueles montes muitas vezes mergulhavam na costa e na maré alta eram tocados pelo mar de ondas altaneiras. As praias de areia também surgiam, selvagens, desertas, belas e solitárias. Uma dessas praias solitárias constituía pouso frequente do Pescador. Era um dos sítios onde ele muitas vezes lançava o anzol, na esperança de capturar um bom peixe. Em frente havia uma ilhota rochosa, nua, constantemente varrida pelo vento e pelo mar. Frequentemente, ele esquecia-se da cana, da pesca e das picadas do peixe, ficava apenas a contemplar o mar a bater na ilha, numa explosão de espuma branca e de salpicos. Com o tempo, a ilha perderia aquela batalha e o mar consumi-la-ia, era uma luta inglória. A ilha apenas resistia estoicamente aos embates, serena, aguentava tudo. Parecia, ao Pescador, bela, encantadora no mutismo da sua rocha fustigada sem cessar, ele conectava-se com ela numa onda de simpatia, que o acalmava.

O ponto onde o Pescador se sentava a observar aquele espectáculo fora por ele baptizado de “varanda dos dias intermináveis”. Os dias seguiam-se ali pachorrentos, pareciam muito longos, o tempo passava devagar e, assim, tinham a doçura da calma, das inspirações profundas do ar do mar, do calor suave que sentia na pele, do vento nos cabelos, que trazia o sal que se lhe colava à pele, alguma areia que de vez em quando embatia no seu blusão.

Na Cidade Livre de Pharos não existiam unidades industriais pesadas, mas havia uma pequena central que

transformava resíduos orgânicos em metano, para ser usado nas cozinhas ou nos veículos, e também uma fábrica de produção de álcool. A motorizada do Pescador era movida a álcool, o qual ele tinha de comprar na cidade, bem como alguns outros mantimentos, especialmente arroz e acessórios para a pesca. Era a vender peixes e mariscos a alguns restaurantes da cidade, e também bivalves que apanhava às vezes durante a maré baixa, que arranjava dinheiro, ou a fazer alguns biscates que o ocupassem pouco tempo, coisa de horas, no máximo de um dia.

A cabana onde ele vivia tinha sido construída utilizando ferramentas simples, durante o Verão. Enquanto durou o período da construção, ficou numa pequena tenda, de lona preta, dava à justa para ele, metido dentro do saco-cama. A mota, protegida do orvalho com uma lona acastanhada, ficava ao lado. Munido de um machado, tinha começado a percorrer os bosques em torno do local que escolhera para erigir a cabana, em busca de árvores que pudesse usar para erguê-la. Não podia afastar-se muito do sítio escolhido para a construir, sob pena de não poder transportar os troncos. Iria ter de fazer, ele mesmo, o trabalho de animal de tracção. A ideia não o preocupava muito, gostava de trabalho físico, de construir com as suas próprias mãos. Foi assaltado brevemente por pensamentos sobre aquilo que deixava para trás. Mas não havia laços familiares que o prendessem. O trabalho que tivera em Esperança era monótono e rotineiro, tinham-no já dado a outro. Felizmente havia muita terra, podia viver como quisesse, independente. Sentia a força da solidão. Poder mandar tudo ao Diabo, isso não tinha preço para ele.

O trabalho era lento e custoso, o Pescador tinha de aplicar toda a força dos seus músculos, sobretudo para o transporte da madeira. Depois de abater as árvores, era necessário cortá-las em toros com a serra de arco e prendê-las com cordas que tinha de puxar com toda a força, retesando os músculos, suando e bufando. Para a base da cabana, e porque o chão

não deveria estar em contacto directo com o solo húmido, ele cortou seis troncos curtos, que depois seriam endurecidos pelo fogo. Com o machado escavou os entalhes em que os troncos que formariam a base para levantar as paredes seriam assentes e onde se encaixariam os barrotes usados para pregar as tábuas do soalho. Os postes foram feitos de árvores jovens, era a melhor maneira de obter troncos direitos, que foram encaixados em entalhes à medida, nos toros da base da cabana. Os dois primeiros troncos, assentes sobre os toros que tinham estado à fogueira, eram mais compridos, para depois possibilitarem a construção de um alpendre, que seria servido por dois degraus de madeira.

O Pescador não dispunha de ferramentas que lhe permitissem cortar as tábuas necessárias para o soalho e para o telhado da cabana. Assim, tinha de comprá-las longe dali, mas o pior era o transporte, precisava de alugar um atrelado ou algo parecido para trazer as tábuas.

Teve de fazer várias viagens à Cidade Livre de Pharos, para trazer os materiais de que necessitava. As tábuas foram pregadas, o soalho assente, já podia trabalhar a partir do interior da cabana, o seu refúgio ia tomando forma. Ainda havia muitos toros a cortar, para formar as quatro paredes, era trabalho de semanas, mas o Pescador não tinha pressa. Impunha-se também intervalos para se dedicar à sua paixão. Lançava o anzol bem longe, com a força da chumbada, num movido elegante do pulso, rápido e fácil. Quando não consumia o peixe naquele dia, grelhado num espeto de pau, sobre brasas aromáticas de madeira, salgava-o ou secava-o, preparando-o para se conservar longo tempo. Tinha de conseguir provisões para o Inverno, sabia que teria de passar bastante tempo fechado em casa e não queria ser apanhado desprevenido, com falta de comida.

O Pescador tinha encomendado uma relíquia em Esperança, um fogão a lenha feito em ferro forjado, que serviria para cozinhar, mas também para aquecer a cabana. Seria transportado até Pharos, onde ficaria ao cuidado de

amigos seus, até ele conseguir transportar o fogão para a sua nova casa.

Depois de as paredes estarem prontas, foram pregados quatro barrotes, para se poder assentar a cobertura do telhado. Eram suficientemente longos para se pregar a cobertura do alpendre. A porta foi recortada nos troncos, construída no local e reforçada na parte de dentro por uma tábua horizontal e duas oblíquas, e usadas tábuas como aros para se aparafusarem as dobradiças. Uma fechadura bastante forte foi montada, a que se juntou um ferrolho, como precaução extra. Também foi aberta uma janela para dar mais claridade ao espaço e servir até para arejar a casa.

Trazido mais um carregamento de tábuas, pregou-se a cobertura do telhado, a cobertura e o chão do alpendre. Uma vez que o alpendre estava virado para o mar e tinha uma vista quase totalmente desafogada, seria o lugar ideal para se sentar a gozar o som das ondas e a calma. Era um hipnotizante cenário do qual ele não prescindia, o sol vermelho a mergulhar no mar, trazendo suavemente a noite, tingindo o horizonte de uma rica paleta de cores, alaranjados, cores-de-rosa, vermelhos, cinzentos, o branco de alguma nuvem, e, entre todas elas, um azul puro como o de um diamante.

Um pequeno telheiro anexo, feito de forma mais leve e mais simples, serviria para resguardar a mota dos elementos e guardar alguma lenha. Mais quatro troncos foram colocados no telhado, um de cada lado, outro à frente e outro atrás. Um outro, serrado ao meio, serviu para reforçar com duas traves a cobertura do telhado. Era bom ver a obra a tomar forma. Ele já tinha desmontado e arrumado a tenda, tinha montado dentro de casa a escassa mobília de que iria necessitar, uma cama, uma mesa com duas cadeiras, armários para guardar os víveres, uma pequena bancada para poder preparar os alimentos. O fogão ainda não tinha sido instalado, primeiro tinha de montar a tubagem de alumínio para a chaminé. O interior da cabana, alumado pela claridade difusa daquele

fim de dia de Verão, daria para pintar ali uma natureza morta, ingénua e singela, na luz suave do ocaso, jogando com o efeito da claridade e das sombras.

Não foi fácil recortar o buraco para instalar a chaminé, mas com paciência foi conseguido. Depois de instalada, um último tronco foi içado para cima da cobertura do telhado e encaixado nos entalhes escavados pelo pescador, seria a travessa central, onde se pregariam as tábuas que iriam constituir o telhado propriamente dito. Estas tábuas eram mais grossas e mais resistentes, foram pregadas perpendicularmente à travessa e também a cada um dos toros que ficava em cada lado do topo da cabana. Construiu duas estantes largas que ficariam encostadas às duas paredes lisas, não dava jeito usar a parede que tinha a janela, nem a da porta de saída. Queria trazer para ali os livros que deixara em casa de amigos em Pharos. Na capital, Esperança, em mercados e feirinhas encontravam-se muitos livros trazidos da Terra. O Pescador aproveitava muitas oportunidades para frequentá-los, comprando todos os livros que podia. Não trouxera nem um consigo na viagem. Até comprara três livros de uma colecção erótica barata, *Justine*, do Marquês de Sade, *Delta de Vénus* de Anaïs Nin e *Sob os telhados de Paris* de Henry Miller. A sucessão de palmadas, chicotes, violações sádicas e uma longa série de infortúnios de *Justine* não o entusiasmará muito, mas reconhecia nos outros dois a presença de talento, embora não fizessem exactamente o seu género.

Contemplado o seu trabalho, o labor esforçado de construtor durante muitas semanas, o Pescador abriu uma garrafa de *bourbon* que tinha no seu bernal, em jeito de comemoração. Aquele líquido ligeiramente dourado soube-lhe bem, deslizou com um sabor ardente e complexo pela sua garganta, activando-lhe a circulação e fazendo-o sentir-se mais vivo, mais vigoroso. Hesitou antes de repetir a dose, mas cedeu àquela tentação e bebeu o segundo copo, sentindo a cabeça mais leve, um certo conforto difícil de explicar, merecia aquela

celebração pelo que fizera. Nessa noite, ao invés de comer uma simples sandes de queijo e uma maçã, decidiu-se a elaborar um prato de que gostava muito, típico da Louisiana, o gumbo. Preparou a base daquele guisado, misturando farinha de trigo torrada e manteiga derretida. Depois começou a adicionar os vegetais, até tinha encontrado sassafrás em Pharos! O aipo, o pimento, o quiabo e a cebola foram sendo juntos ao guisado, seguindo-se a carne de frango, os frutos do mar e o chouriço. Acompanhou com arroz branco e meia-dúzia de cervejas, que combinavam bem com o gosto forte do gumbo. Deitou-se tarde, para ajudar a digerir aquele jantar pesado, satisfeito com o que levava a cabo.

15

O Pescador dividia os seus dias entre o mar e a sua cabana. Na Terra e depois ali, em Xanthos, tinha morado em diversas casas e apartamentos, mas não tinha gostado de nenhuma como gostava daquela choupana, tinha colocado naquele trabalho muita dedicação, muito esforço, mas também muito amor. Um dos melhores momentos do seu dia era quando se sentava no alpendre ao final da tarde, olhando o mar ao fundo, esperando o cair da noite que o conduzia a ir para dentro. Gastava bastantes velas, para conseguir ficar a ler, podia escolher entre romance e não-ficção, tinha o suficiente para se entreter, sem se entediar nas escolhas. Lia muitos textos religiosos e filosóficos, fossem eles a *Bíblia*, o *Corão*, os *Upanishads*, o *Baghavad Gita*, o *Dhammapada* ou o *Bodhisattvacaryāvatāra*, de Shantideva. Também se interessava pelo sufismo, nomeadamente pela poesia deliciosa do excelso persa Rumi. Gostava igualmente do *Fédon* de Platão, do *Assim Falava Zaratustra*, de Nietzsche, das *Confissões*, de Santo Agostinho ou do *Walden*, de Thoreau. Até se atrevia no teatro, com *Júlio César* ou *Hamlet*, de Shakespeare. Se fazia frio, acendia

o seu fogão a lenha, gozando o bom calor que ele lhe dava, sentia a cabana mais acolhedora, e só se deitava quando, da lenha no fogão, só sobravam brasas ardentes, que lentamente esmoreciam, serenas. Adormecia quase de imediato, só acordava na manhã seguinte, com o erguer do sol de Xanthos.

Levantava-se sem tardar, num rompante. O seu primeiro impulso era comer algo rapidamente, enfarpelar-se e correr para a costa, responder àquele chamamento do mar que o enfeitiçava, tal como tinha acontecido na longínqua Terra, já aí passava a maior parte do seu tempo livre junto ao mar, muitas das vezes apenas a olhá-lo, como um amante apaixonado que descobre a cada dia algo de novo, algo de especial e irresistível, na pessoa amada. Por muito que corresse aquela região selvagem, acabava sempre por regressar à varanda dos dias intermináveis. Dali, via aquela luta hercúlea, a luta da ilhota contra o mar, aquela luta inglória, mas tão hipnotizante. Quem era mais forte, o mar que com o tempo tudo nivelaria, ou a ilha, que sabia encaixar aqueles golpes, que tudo aguentava, impávida? O Pescador contrariava aquela força que queria impeli-lo a sair da cabana e, com mais vagar, tratava da sua higiene pessoal, de tomar um pequeno-almoço mais substancial, antes de deixar o tugúrio, encaminhando-se com o equipamento de pesca para a praia.

Nalguns poucos dias, passava o tempo na floresta, a cortar e a acarretar lenha para o casebre, era o que usava para cozinhar e para aquecimento, não podia faltar. Então, sentia-se um pouco mais inquieto, os músculos doridos do esforço, a cara avermelhada do exercício, o suor começava a brotar-lhe das fronte e depois a molhar-lhe as costas da camisa. De qualquer modo, era um bom exercício, e um soporífero excelente, dormiria ainda melhor, aquela ginástica colocava-o de bom humor, animado, satisfeito consigo mesmo. Também tinha de recolher água, num ribeiro a cerca de um quilómetro. Era encantador, ele era fascinado por aquele ribeiro. A água era guardada num reservatório de duzentos litros, junto à cabana.

Os dias passavam lentos, saborosos, substanciais, era uma existência que agradava ao Pescador, escrevendo as suas próprias regras, sendo o único dono de si mesmo, independente e quase auto-suficiente. Aquela vida ele entendia, a vida caótica em Esperança ou noutras cidades de Xanthos, naquele corrúpio incessante e insano, já não. Havia algo para além disso, e ele tinha-o agarrado com as duas mãos, com uma força tal que ninguém o levaria a largá-lo. Pescava, passeava na floresta ou na praia e lia, isso bastava-lhe.

Numa tarde, quando regressava do mar, viu que a porta da cabana estava entreaberta, e que no chão, junto às escadinhas onde se subia para o alpendre, havia marcas de pegadas sobre as ervas e a terra fofa. Ficou alerta, de cabeça levantada, a olhar em volta, em busca de algo estranho. Deu a volta à cabana, não se sentia descansado. Percorreu as redondezas, não viu sinais de nada que pudesse inquietá-lo. Coçando a cabeça, decidiu-se a ir para casa. Encolheu os ombros e dirigiu-se à porta. Comeu peixe grelhado com acompanhamento de batatas doces assadas em cima do fogão a lenha, mas, fosse da comida, fosse de saber que tinha tido visitas inesperadas, custou-lhe a adormecer, revirando-se na cama, inquieto. Não havia meio de acalmar-se, de arranjar posição para começar a ser invadido pelo sono. Quem dera com a sua casa? Algum outro Andarilho que deambulasse por ali? Iria com intenções de roubá-lo?

Na tarde seguinte, a mesma coisa. Mas agora era pior, tinham caminhado mesmo pela horta que ele cultivava e a rama de algumas plantas estava calcada, os visitantes não tinham tido qualquer preocupação com elas. O Pescador ficou aborrecido, de cenho franzido, zangado mesmo. Estragavam-lhe a pescaria do dia seguinte. Não iria pescar, pois queria descobrir quem eram os seus misteriosos visitantes. Sentia-se irritado, frustrado, detestava que perturbassem o seu sossego e aquela rotina que ele criara com minúcia e gosto. Iria percorrer melhor os arredores da sua casa, esmiuçar com cuidado os possíveis sinais da presença de alguém. Nos bosques e florestas

daquele planeta, o que espantava era o silêncio. Além do vento e dos ruídos das árvores, não existiam ali mamíferos, répteis, insectos ou aves que rompessem a quietude. Quando não havia vento, um imenso silêncio instalava-se, fantasmagórico, sepulcral. Demorava até uma pessoa habituar-se a isso. Em Xanthos, a vida animal nativa estava confinada ao mar, o resto eram poucos animais de estimação ou animais que os humanos criavam nas suas quintas e que nunca tinham chegado ali.

As pescarias estavam a ser adiadas, o Pescador sentia pejo em abandonar a sua cabana às visitas de desconhecidos. Tinha-se decidido a passar o dia oculto nos arbustos em frente da cabana, à espera dos anónimos visitantes, a curiosidade roía-o. Queria saber quem andava a visitá-lo, de forma indesejada. Passou horas quieto, já lhe doíam os músculos, estava a perder a paciência para aquela vigilância infrutífera, irritado. O som de alguns ramos a serem pisados e a partirem-se fizeram-no voltar a estar alerta, os olhos fixos, ouvidos bem abertos, os nervos engatilhados, vigilante.

Não pôde deixar de abrir a boca, ficando de queixo caído ao ver que dois lados emergiam da floresta, os seus corpos dourados, translúcidos e elegantes tinham um aspecto tão diferente, tão alienígena, que lhe apeteceu fugir dali, partir a correr. Custou-lhe a controlar aquele impulso e impedir as suas pernas de se mexerem, levando-o para longe. Até lhe ocorreu que talvez os lados não fossem originários de Xanthos, mas sim de um planeta mais estranho, mais bizarro, completamente inusitado para os padrões dos humanos. Eram diferentes, muito diferentes dos peixes que ele pescava no mar, de toda a fauna marinha nativa que ele conhecia.

Aproximaram-se da cabana, ficando por ali a cirandar, mediam tudo de alto a baixo, com os seus olhos claros, côm de âmbar, com pupilas pretas, verticais como as de alguns felinos. Subiram lentamente as escadas, com os pés descalços. O Pescador não os desfitava, vidrado. Eram mais altos do que muitos terrestres, mas moviam-se sempre de uma forma

diferente, bastava aquilo para se ver que, embora bípedes, não eram humanos. Tinham uma graciosidade, uma leveza no andar, que lembrava mais o andar de um gato, do que o de qualquer humano. Um deles, cerca de um palmo mais alto do que o outro, aproximou-se da porta da cabana, que habilmente abriu com a sua mão de dedos esguios, sem unhas e entrou na cabana do Pescador, com aquele andar elegante, leve. O outro lador seguiu-o. O Pescador soergueu-se de entre os arbustos. Pensou em entrar em casa e surpreendê-los, mas poderiam reagir mal, até de forma imprevista ou feroz, embora não se conhecesse da parte deles actos de violência. Tentou descortinar o que faziam dentro da cabana, mas não conseguia perceber bem. Pareceu-lhe que eles miravam tudo cuidadosamente, curiosos, tocavam em todos os objectos, talvez espantados. Não conseguia ver se os seus rostos estranhos demonstravam alguma alteração, e, como os lador não falavam, o silêncio imperava dentro do tugúrio.

Decidiu-se a ficar visível, mas ao longe. Eles vê-lo-iam à saída, contudo tinham para onde fugir, se fosse essa a sua escolha. Não queria encurralá-los. Ainda estiveram dentro da cabana cerca de quinze minutos. O Pescador percebeu que estava a suar, apesar do dia não estar particularmente quente. Deviam ser os nervos. Em seu redor, as florestas e matas de Xanthos estavam, como sempre que o vento se ausentava, imersas num silêncio quase total, estranho e misterioso para qualquer terrestre.

Quando os lador saíram da casa dele, viram-no quase de imediato. Pareceu-lhe que a sua tez dourada palpitou por alguns instantes, talvez com a surpresa daquele encontro. Eles deviam pensar que o Pescador se encontrava junto ao mar, como era hábito, focado na pesca ou na contemplação profunda daquela massa de água. Embora assustados pela sua presença, contudo, não fugiram. Desceram as escadinhas, pisando a terra negra, rica em húmus, do solo da floresta. O Pescador avançou dois passos e parou, expectante. Eles também andaram

um par de passos. O humano decidiu não avançar mais, acenou com a mão direita aos lados, num gesto amigável de saudação. Os alienígenas permaneceram impávidos e quietos durante um ou dois minutos. Depois, o Pescador sentiu no seu cérebro uma onda mental, calma e profunda, que tentava comunicar consigo, mas a algaraviada que os lados emitiam telepaticamente possuía para ele um significado totalmente hermético. Mesmo assim, estava excitado, um frémito de energia percorria o seu corpo. Eles tinham tentado comunicar consigo!

Os dois lados afastaram-se, naquele ritmo descompassado e estranho, andando com leveza, silenciosos e inexpressivos. O Pescador ficou a olhar-lhes para as costas enquanto eles se internavam pela floresta, de vez em quando o dourado dos seus corpos destacava-se por entre os diversos tons de verde e de castanho da paisagem, até que, por fim, desapareceram completamente.

Após este acontecimento, os lados começaram a aparecer mais afoitamente, mais vezes. Um dia, tinham ficado muito atentos, a ver o Pescador trabalhar na sua horta, sachando as batateiras e colocando as estacas no feijão de trepar. Seguiam sempre os movimentos do Pescador, como um gato que segue o movimento de uma bola, o olhar deles era mesmo similar ao dos pequenos felinos, mas era impossível saber o que pensavam, nem tinham expressões faciais como os humanos. Os lados não comiam, nem bebiam, tudo o que tinha a ver com agricultura era algo de completamente estranho e novo para eles. Absorviam pela pele a água doce da chuva e do orvalho, que os hidratava, e o seu corpo etéreo retirava energia dos cristais com os quais viviam em simbiose.

Com o tempo, as visitas tornaram-se quase diárias. Um deles, o mais baixo, trazia uma bolsa de tecido à cintura, talvez onde transportava o seu pequeno cristal, já que não podiam afastar-se muito deles. Não tinham tornado a tentar comunicar telepaticamente com o humano, limitavam-se a observá-lo,

com grande curiosidade, interessados como neófitos. Depois, começaram a segui-lo, o que sucedia quase todos os dias. Mal o Pescador saía da cabana, com o equipamento de pesca no bernal, a cana-de-pesca na mão, eles já o aguardavam. Sem hesitação, seguiam-no, mas a uma distância respeitosa. Acompanhavam-no até à orla da floresta e depois voltavam para trás. Além dos dois primeiros, havia dias em que vinham mais dois ou mais três. Num dia, trouxeram mais cinco! Sete lador seguiram o Pescador até aos limites da floresta, onde agora ficavam muito tempo, à espera que ele regressasse. O homem voltou-se para trás e acenou-lhes. O mais alto, parte do par original, ergueu o braço em jeito de saudação. O Pescador prosseguiu pelas falésias rochosas, tendo cuidado onde punha os pés, e ainda mais ao percorrer o carreiro pedregoso e íngreme que conduzia, sempre a descer, até à praia. O cheiro salgado do mar enchia-lhe as narinas. A manhã estava brumosa e tudo ganhava um aspecto fantasmagórico, desfocado, irreal como um sonho. Chegado ao estreito areal, batido pelo vento, o Pescador pousou o material, cerrou os olhos e deixou-se estar, de braços abertos, inspirando a maresia, o cabelo despenteado do sopro da rajada, gotas de água salgadas a salpicarem-lhe o rosto, o sabor do mar na boca. Só depois, se decidiu a iniciar o seu ritual, iscando o anzol e fazendo um lançamento longo, para além da rebentação, com elegância, como se fosse um artista, pintando no ar, numa tela invisível.

Os lador deviam morar perto, ter a sua aldeia algures, talvez no coração negro da floresta, entre as árvores antigas e cerradas, onde estavam mais a salvo de eventuais olhares indiscretos, eram os seus poisos predilectos. Ainda resistiam, apesar da fúria cruel dos humanos, e de terem sido metodicamente perseguidos. Continuavam a aparecer regularmente, etéreos, silenciosos, com gestos e passos lentos e ondulantes, de bailarinos, pareciam tão estranhos, ao Pescador, como no primeiro dia em que os vira de perto. Pensava muito neles ao deitar, sentia no seu íntimo crescer uma afeição, uma

simpatia para com aqueles seres tão diferentes de si, que se tornavam presença constante no seu quotidiano.

Voltara a sonhar muito. Agora, não era com memórias da Terra que preenchia aqueles devaneios oníricos, que surgiam quase todas as noites, mas já com memórias de Xanthos, com a chegada àquele planeta, que actualmente tantos humanos habitavam. Eram memórias fortes. Surgiam-lhe lembranças de que a cada lote de colonos em animação suspensa que despertava, havia sempre psicólogos presentes, tal como sacerdotes e soldados. Como alguns dos recém-despertados mal conseguiam sustentar-se nas pernas ao saírem das cápsulas, malgrado as massagens automáticas dos seus leitos, como os seus músculos estavam tremendamente atrofiados. Outros saíam delas mesmo aterrorizados, os olhos muito abertos, o corpo a reagir por fim àquela hibernação de décadas, vomitavam-se e defecavam involuntariamente, a sua estrutura nervosa e muscular completamente descontrolada. Alguns choravam copiosamente, com longos e sonoros soluços que ecoavam nos conveses altos da *Arizona*, sendo confortados pelos profissionais de saúde mental e outros tripulantes da nave. Era como se nascessem de novo, enchendo os pulmões de ar a cada soluço regado a lágrimas. Outros ainda gritavam como loucos, era necessário sedá-los e mantê-los manietados, até que, com calma, tomassem consciência da nova realidade. Uns poucos mantinham-se letárgicos, quase catatónicos, como se o seu cérebro não tivesse, por fim, despertado daquele longo sono.

O Pescador fora um dos que reagira mal àquele despertar. Tinha sofrido violentas reacções físicas e mentais, fora levado para a enfermaria da *Arizona*, com um sedativo moderado. O espaço estava a abarrotar, tinham-se montado leitos que estavam em armazém, mas mesmo assim, não chegavam. Instalavam-se enxergas no chão, camas improvisadas. Todo o pessoal médico estava de prontidão desde o primeiro minuto e, pouco depois, já todos os tripulantes tinham sido chamados

a estar alerta, prontos a ajudar no que fosse necessário. Uma semana, tinha sido o tempo que ficara internado. O seu corpo adaptara-se à nova realidade, já conseguia levantar-se para ir sozinho à casa-de-banho e finalmente pudera descer o elevador até ao convés inferior e depois a rampa que dava acesso à superfície do planeta. Era incrível ter acordado quarenta e três anos depois, com a juventude preservada, como se não tivesse decorrido mais do que um dia. Melhor ainda era ter diante de si todo um planeta, saber que poderia ir para onde quisesse, construir algo que durasse, deixar a sua marca ali, em Xanthos.

Nunca iria esquecer-se da sensação que tivera ao descer a rampa em direcção ao solo de Xanthos. As pernas tremiam-lhe. O planeta e o seu horizonte tornavam-se visíveis diante do seu olhar. Era lindo, uma sensação de felicidade invadiu-o quando sentiu na cara a brisa do vento, que era morna e doce. Herbáceas de tons arroxeados, árvores estreitas e altas, semelhantes a palmeiras, e um vasto horizonte, estendia-se à sua frente. Absorto por aquela visão, nem dera conta do ruído e da azáfama que vinham da superfície de Xanthos. Uma vozeria erguia-se daquela planície extensa, tripulantes da *Arizona*, liderados por Brian Wilkinson, circulavam apressadamente para aqui e para acolá, veículos ligeiros, máquinas, robots ajudavam à confusão, começando a levantar-se uma poeira densa. Outros colonos, tal como o Pescador, fitavam a cena atónitos, espantados, como se não percebessem muito bem o que se passava ou então circulavam ao acaso, olhando para tudo com admiração e muita incompreensão, completamente perdidos.

Estavam a ser erguidos os primeiros alojamentos provisórios na superfície da nova colónia espacial, a nave iria progressivamente ser esvaziada do seu conteúdo. A primeira cidade ainda era objecto de conjecturas, não tinha sido decidido de forma definitiva onde se iria localizar. Quando tal fosse decidido, o primeiro passo seria a eventual terraplanagem, seguida da criação e delimitação de lotes destinados a diversos

fins: construção de habitações, comércio, ou serviços públicos. O nome já estava escolhido e era auspicioso.

Quando o Pescador acordava, sentia invariavelmente uma sensação de perda, como se lhe tivessem roubado alguma coisa durante o sono. Percebeu que tinha saudades daqueles primeiros tempos em Xanthos, da liberdade quase total, de um sem fim de possibilidades que se abriam diante de si. Ficava deitado a pensar nestas coisas, perdendo por vezes a noção do tempo. Quando se apercebia da hora tardia, apressava-se, vestindo-se atabalhoadamente, comendo alguma sobra do jantar e abrindo a porta do casebre aceleradamente. Se os lador não o esperavam, já lhes sentia a falta, habituara-se muito a eles. Mesmo não conseguindo comunicar, sentia uma proximidade, e até uma amizade que se manifestava por gestos e por acções. Tinham tentado mais de uma vez comunicar com ele, entrando delicadamente na sua mente, mas, de todas as vezes, o Pescador não tinha compreendido nada.

16

Nos dias em que os lador o seguiam até à orla da floresta, sentia-se mais feliz, aquela companhia não o incomodava nem um pouco, fazia gosto nela. Foi com agrado que reparou que os dois alienígenas que o tinham começado a visitar há mais tempo seguiam-no agora até mais longe. Deixavam para trás a relativa segurança das copas bastas das árvores e dos troncos cerrados e caminhavam pelas rochas daquelas escarpas e falésias, sempre sem pressa, o andar frágil e vaporoso que lhes era característico enquanto ele se encaminhava para o trilho por onde desceria até à sua praia preferida. Nunca nenhum dos outros os imitou. De qualquer modo, o Pescador também se sentia mais próximo daqueles dois do que dos restantes. Da praia olhava para cima, para aquela falésia escarpada de

rochas cinzentas-claras rachadas, escavada do vento e das águas da chuva, sendo despedaçada inexoravelmente. Aqui e ali com tufos de erva e algum musgo. Na maior parte da sua superfície, nua. E via-os lá. A fitarem-no, impassíveis, como se ele fosse o único espectáculo que valesse a pena contemplar naquele mundo. Mesmo quando o vento assobiava nas falésias e nas árvores da floresta próxima, o par continuava ali, quieto, absorto. Raras vezes, a precipitação surpreendia o Pescador na praia, e também os lador. A chuva fustigava-os com ferocidade, para um humano aquilo seria muito desagradável. Aqueles seres aguentavam tudo aquilo bem tranquilos, apenas piscavam os olhos quando a chuva lhes batia na cara. O Pescador, bem encasacado, com um gorro na cabeça, uma camisola de gola alta, a cara vermelha, corada do vento frio, olhava e não entendia.

Mas, era inevitável que, através de satélites, drones ou outros meios de observação, a informação da existência daquela comunidade de lador chegasse aos ouvidos das autoridades humanas de Xanthos. Quereriam certamente concentrá-los em reservas como tinham feito a uma parte dos outros que haviam encontrado, despojando-os da maior parte dos cristais, deixando-os enfraquecidos, privados do seu bem mais precioso e vital.

Até que aconteceu. Um destacamento especial, vindo de Esperança, bem equipado e armado, em veículos blindados todo-o-terreno, internou-se a sul da Cidade Livre de Pharos, pela floresta. Era como a profanação de algo sagrado. À frente da coluna ia um veículo de engenharia que cortava árvores e arrancava de imediato os seus tocos, abrindo uma estrada, a alta velocidade. As entranhas da floresta eram rasgadas, deixando um rasto de terra esventrada, sobre a qual corria a seiva das árvores abatidas, como regatos de sangue. Deste modo, os soldados avançavam depressa, embrenhando-se na floresta, bem-dispostos e ansiosos por entrarem em acção, por saírem do ramerrão da base.

O Pescador deu pelo som das árvores a caírem, antes de ouvir as serras de disco do veículo de engenharia. Percebeu que algo de grave se passava, decidindo pegar na mota e partir na direcção em que julgava que os ladrões teriam a sua povoação. A cerca de quinze quilómetros dali encontrou a aldeia, um conjunto de umas dezenas de cabanas, construídas sob formas geométricas desconfortáveis aos olhos e aos corpos dos oriundos do planeta Terra. Todos os ladrões suspenderam aquilo que estavam a fazer, ficando erectos, atentos, na expectativa, mas, reconhecendo o Pescador, não fugiram. Havia ladrões de todos os tamanhos e idades. Desde os encarquilhados anciãos, aos muito jovens, e mesmo aos de colo. Por gestos e mímicas, o homem tentou avisá-los do que ali vinha, era certo que aquela expedição se destinava a encontrar e capturá-los e a roubar-lhes os cristais, na melhor das hipóteses. Eles pareciam não compreender e quedaram-se ali, impávidos, atentos, com os seus gestos suaves, graciosos. Ouvia-se cada vez mais perto o som das árvores a caírem, em breve já se ouviam as serras. Os ladrões olhavam muito quietos na direcção daquele som, a sua tez dourada a palpitar de emoção, mas indefesos como crianças de colo.

Foi apenas quando os soldados chegaram à aldeia que os ladrões entenderam o que se passava e começaram a fugir desordenadamente. Por crueldade ou por ordens recebidas, os militares xanthianos abriram fogo sobre aqueles seres inocentes e desarmados. Eles eram pacíficos, nunca tinham oferecido resistência em nenhum dos locais onde tinham sido encontrados. Muitos começaram a tombar, mortos, feridos, estropiados. Filhos, pais, avós. O Pescador, com o coração triste, apertado, procurava com o olhar o par de amigos. Viu-os agachados, atrás de uma árvore, mas não havia ali lugar seguro para eles. Ele queria ajudá-los, mas o que poderia fazer? Tinha no cinto apenas a faca-de-mato, considerava-se desarmado. Para grande revolta, viu que um soldado tinha dado com a posição do casal de ladrões e começara a visá-los, disparando com

a sua arma de raios *laser*, atingindo o tronco da árvore. Uma rápida correção da pontaria e atingiria os dois seres. O Pescador não pensou duas vezes. Instintivamente, generosamente, correu veloz e pôs-se na linha de tiro, confiante de que o soldado pararia, de que não fosse disparar. Desse modo os lador poderiam tentar fugir. Foi varado pelos raios penetrantes e cauterizantes da arma do soldado, que lhe penetraram o estômago e o fígado, deixando-o a tremer, perdendo as forças rapidamente, a sentir o aperto da morte a chegar. Perdeu a consciência pouco antes de morrer, mantendo na retina a visão do mar, de um grande oceano, que o recebia e onde mergulhava de forma doce, como se voltasse ao útero da mãe.

O militar continuava a disparar, apostado em acabar com aquele foco de resistência. Aquela tropa não se preocupava em fazer prisioneiros, em conduzir os lador para reservas ou campos de detenção. Não era uma luta, era um extermínio. A aldeia estava já praticamente arrasada, aos disparos das armas ligeiras dos soldados tinham-se juntado os tiros das armas pesadas dos veículos, arrasando as habitações, revolvendo a terra em crateras, derrubando ou queimando as árvores. A floresta, que ainda há pouco era cerrada e bela, mostrava agora hediondas cicatrizes, agonizava, negra e arrasada, com grande parte das árvores tombadas.

A fêmea lador tinha sido também atingida. A sua cara permanecia inexpressiva, dos orifícios no seu corpo, parcialmente cauterizados, escoava um líquido sem cor, sem vida. Acabou por tombar no chão, os olhos muito abertos, as mãos a tentarem esgravatar o solo, como se quisesse encontrar um refúgio. O companheiro abanava-a, de forma gentil, mas desesperada, emitindo ondas telepáticas intensas e violentas, captadas por todos os seres vivos das redondezas.

Os humanos mostraram-se indiferentes. Prosseguiram agora com lança-chamas, para queimar os últimos vestígios da presença dos alienígenas. Alguns lador ainda circulavam por ali, espavoridos, em pânico, presas fáceis para os soldados.

PARTE II A SUMA- -SACERDOTISA

“A guerra e a coragem fizeram mais coisas grandes do que a caridade. Não foi a vossa piedade, mas a vossa bravura que até hoje socorreu os miseráveis.”

Friedrich Nietzsche,
Assim falava Zaratustra

1

Dois séculos passaram sobre Xanthos. A influência das Famílias era cada vez mais notória, e a pouco e pouco iam emergindo notícias esparsas, que escapavam a uma malha de secretismo e a um código de silêncio, sobre a sua existência e poder. Começavam assim a delinear-se os contornos da real estrutura de poder em Xanthos, muito embora o alcance do Pacto que estabelecera as Famílias fosse desconhecido, por ser mantido no maior segredo, sob pena de julgamento e condenação à morte. Era uma sociedade dentro da mais vasta sociedade xanthiana, que manobrava por detrás do pano a evolução do planeta.

Brian tinha uma bela estátua de bronze num dos parques de Esperança, muito fidedigna, não se tinham esquecido dele. O seu nome estava nos livros da História de Xanthos, era um homem admirado e a sua vida era estudada. Havia até um pequeno, mas concorrido museu, que era geralmente bastante procurado pelos visitantes, sobretudo nos meses de Verão, para gozarem o bom tempo no jardim bem cuidado, à sombra de árvores raras e antigas, com os seus ramos estendidos como braços acolhedores.

Sob o sol vermelho que banhava aquele planeta, outra figura nascia. Tinha o nome de uma estrela, Castor. Castor, também conhecida como Alpha Geminorum, era a segunda

estrela mais brilhante da constelação de Gémeos, atrás de Pólux. Os nomes dessas estrelas derivaram da mitologia grega, do mito dos gémeos Castor e Pólux. Castor, filho de Leda e de Tíndaro era o gémeo mortal, enquanto o seu irmão Pólux, sendo filho de Leda e de Zeus era imortal. Ficaram também conhecidos como patronos dos viajantes.

O pai de Castor, relativamente alheio à Antiguidade Clássica, enquanto astrónomo sabia de cor o nome de imensas estrelas, mas decidiu-se pelo nome de uma das estrelas mais brilhantes, vistas da Terra, na hora de baptizar o filho. Sendo descendentes de embriões congelados trazidos a bordo da Arizona, o seu lugar na pirâmide social de Xanthos era baixo, tinham acima deles os colonos que tinham vindo em animação suspensa e os descendentes dos tripulantes, organizados em Famílias ou Autónomos. Não era fácil ascender socialmente.

Na verdade, Castor demonstrou desde muito novo que iria ser uma espécie de estrela. Por volta dos cinco anos já tinha sido avaliado como tendo uma inteligência acima da média, um talento natural para as matemáticas, que embevecia o pai, que esperava vê-lo a seguir o caminho da Astronomia ou da Astrofísica, destacando-se entre os seus pares. A computação também era um talento inato do filho, a deixar muitos adultos embasbacados diante dos seus conhecimentos precoces, divertindo-se na tenra juventude como *hacker*.

Castor crescia num mundo de homens, a mãe, engenheira civil, estava muitas vezes ausente, a trabalhar num dos muitos projectos que surgiam como cogumelos em Xanthos. O pai pensava que se a mãe estivesse mais presente podia ser bom para o rapaz, achava que a doçura da mãe era capaz de ajudar a equilibrar o carácter do filho, que por vezes lhe parecia tortuoso, difícil. O progenitor tinha de usar de toda a sua paciência para lidar com o filho, que tanto amava, mas que, por vezes, tinha dificuldade em compreender as atitudes.

Em dois contextos distintos, tinham acontecido eventos grotescos e bizarros e o pai de Castor ficara preocupado.

A mulher tinha desvalorizado aquilo, como sendo coisas de crianças. Todos os petizes faziam disparates, era certo e sabido. Numa das vezes, tinham-no chamado à escola. Um pequeno passarinho, um pardal jovem, desorientado e assustado, aparecera no recreio da escola. Castor pegou nele, com cuidado, os adultos que vigiavam o intervalo olharam-no enternecidos, apreciando no amoroso da cena, antevendo os cuidados que o menino iria dar à avezinha. O rapazinho entrara para ir buscar uma tesoura e voltara para o recreio, sempre com o passarito preso com leveza na sua mão esquerda, só com o pescoço e a cabeça à vista. De súbito, com um movimento rápido e decidido decapitou o pardalito, o sangue a esguichar de um buraco onde um segundo antes tinha estado a cabeça do infeliz animal, salpicando o rapaz e o chão, onde Castor deixou cair o corpo flácido do pardal. Uma funcionária ficara de tal forma perturbada que tivera de ser assistida pelos psicólogos da escola e mandada para o serviço psiquiátrico do hospital mais próximo, ficando ausente do trabalho longo tempo. Noutra vez, uma professora tinha-o surpreendido a encostar um x-acto ao pescoço de um colega, com um olhar enraivecido, portador de um ódio profundo que não deveria existir numa criança de onze anos e que, aparentemente, não tinha explicação.

Se todas as crianças são anjos, Castor era um anjo caído, expulso dos céus por alguma divindade encolerizada pelas suas maldades, numa queda longa que lhe partira as asas definitivamente, num mergulho impossível de parar, terminando com um choque violento contra o solo.

O pai, preocupado com aquelas explosões de violência, tinha levado o filho ao médico, que lhe recomendou um psicólogo. Em pouco tempo, o comportamento de Castor pareceu ficar mais estável, mas continuava a isolar-se bastante das outras crianças, com interesses em assuntos e actividades que não correspondiam à sua jovem idade. Falava muito sozinho, enquanto brincava no jardim, ou demonstrava um

fixo interesse nalgum objecto ou pormenor com os quais se cruzava no quotidiano. Dir-se-ia que o mundo exterior para ele não existia ou que era de somenos importância. Era no íntimo de Castor que se desenrolava a acção que era o foco da sua vida, por isso aos familiares e amigos ele parecia-lhes muitas das vezes ausente, alheado, estranho, desligado da realidade. Mas que hipnotizante, que violento espectáculo decorreria dentro dele, por detrás de um olhar aparentemente vazio? O que haveria por detrás daqueles olhos cinzentos como um mar bravio, que pareciam ter a frieza de um zero absoluto?

Castor ia crescendo e, apesar de tudo, o seu comportamento parecia mais equilibrado, embora, por vezes, o pai achasse que ele encarava as pessoas e os acontecimentos com demasiada indiferença, até mesmo com demasiada frieza. Nos estudos, mantinha-se focado, sempre com bons resultados. Era até demasiado empenhado, na opinião do pai. O astrónomo, que envelhecia, preferia que o filho também tirasse tempo para divertir-se, para as ocupações mais próprias dos jovens da sua idade, que convivesse com rapazes e raparigas, saísse um pouco daquele mundo mais frio e, por vezes, impessoal dos adultos, onde parecia já estar firmemente arraigado.

O regresso permanente da mãe a Esperança, já alcandorada a uma posição de chefia que lhe granjeava um vencimento muito considerável e reduzidas necessidades de deslocações, não tivera o efeito positivo que o pai tanto desejara. É certo que, com a presença de ambos os progenitores, Castor parava mais por casa, tinham refeições em família, mas entre ele e a mãe a relação arrefecera, parecia-lhe que as coisas não voltariam a ser como dantes. As ausências tinham sido muitas e longas, os dois deviam precisar de tempo para reatar e fortalecer os laços, se é que era ainda possível remendá-los. O pai meditava naquilo, será que valia a pena sacrificar a família pela carreira, perseguir a fama e a fortuna, deixando ao abandono os entes queridos? Sentia-se feliz e orgulhoso do filho, mas, no seu íntimo, algumas nuvens

negras nunca tinham cessado de pairar. Talvez Castor fosse apenas um excelente actor, que conseguisse disfarçar perante o mundo a sua verdadeira natureza.

Z

Nalgumas noites, Castor, já adulto, deixava a casa dos pais, no centro de Esperança, pegava na mota, saía da cidade a alta velocidade e internava-se pelas florestas, avançando com o veículo até onde podia, seguindo depois a pé, para a solidão escura e silenciosa. Só nesses momentos se sentia completo, quando ele e a noite se fundiam num só, como se nada os distinguisse. Sentia-se bem sozinho, tal como acontecia com as feras, a solidão retemperava as suas forças. A multidão dos mansos e pachorrentos, essa sim, necessitava de outros, desesperadamente, sentiam-se seguros e protegidos ao estar juntos, pela força dos números. Os predadores andavam sós, nem tolerariam outro igual junto deles, excepto em raras circunstâncias. Castor não sabia se havia outros como ele em Xanthos. Se se encontrassem respeitá-los-ia, mas mantendo-os à distância. O território de cada um era sagrado e, quanto a isso, não poderia haver quaisquer dúvidas, intrusos não seriam tolerados.

Ele percebera isto muito cedo, ao ver um documentário sobre a vida na Amazónia, na escola. Entre uma série de animais, como macacos, capivaras e tartarugas, surgiu de repente um jaguar, lindo nas suas manchas, fascinante nos seus olhos amarelo-esverdeados. Com um salto impecável, apanhava um grande tapir, filava-o pela parte de trás do crânio, furando-o com as suas mandíbulas poderosas. Era um predador temível. Noutra cena, outro jaguar (ou o mesmo, ele não tinha a certeza), entrava na água de um rio caudaloso e barrento, nadava de forma rápida e suave, quase totalmente oculto, dirigindo-se a um caimão, que à superfície, recebia no dorso os raios de sol.

Com um impulso mordida a cabeça do sáurio, era uma luta feroz e sangrenta, com o réptil a debater-se. Uma série de miúdos puseram-se a choramingar, amedrontados pela ferocidade do jaguar, pelo sangue que espirrava do caimão, pelos sons daquela luta. Castor também chorava, com a pele arrepiada. Chorava, mas de felicidade, nunca tinha visto nada assim. Era lindo! Percebia que aqueles cordeirinhos reagissem em pranto, eles sabiam instintivamente o que o jaguar significava. Para Castor, o que vira ajudara-o a perceber um pouco melhor quem era. O jaguar não era um predador bruto e tosco como os cães de guarda que ele já encontrara em Esperança e arredores, esses eram ridículos. Aquele era digno, delicado até. Tinha uma força que o rapazinho nunca vira, calmo e silencioso, movendo-se sem pressas, numa elegância natural. Uma força igual à que ele queria ter um dia.

No regresso à cidade, conduzindo a mota velozmente, ele cruzava-se com muitas pessoas, fantasmas na noite. Tinham os olhos tão ou mais vazios que os seus. Na Terra ou em Xanthos, a partir de certa altura os humanos só encontravam mentiras, enganos e falsa esperança. Cada um tinha de mentir a si próprio, para poder continuar a avançar, eram essas as regras do jogo. A visão nua da realidade tornaria as suas vidas intoleráveis. Podiam fingir o que quisessem, a Castor eles não enganavam. E o olfacto dele era muito apurado, ele conseguia cheirar a podridão à distância e ela incomodava-o, sentia-se obrigado a fazer alguma coisa quanto a isso, enquanto a maioria apenas se deixava conduzir mansamente, como ovelhas.

A cumplicidade paternal tinha-lhe permitido ocupar um lugar cimeiro na pesquisa científica, com grande liberdade de horários, de decisões e de orçamento. Aparentemente o rapaz conformara-se, seguia com empenho o seu trabalho. Na verdade, Castor construía toda uma *persona* que lhe permitisse enfrentar a vida de pesquisa no instituto, cuidadosamente, estudando o comportamento dos seus pares e imitando aquilo que ele julgava ser o que esperavam dele, fazendo-se até um

pouco de estúpido, de ingénuo, querendo passar despercebido. A isso ele juntava o desapego emocional. Todas as relações que tinha estabelecido eram de vidro, para ele facilmente poder quebrá-las e continuar a sua vida como se nada tivesse acontecido. Tijolo a tijolo tinha construído uma parede que ele julgava inviolável e que ninguém se daria ao trabalho de escalar. Era uma já longa e escura galeria de esquecidos, enterrados em vida, por vezes de um dia para o outro. Ele chegava a imaginar que todos aqueles com os quais convivia estavam já mortos, assim ser-lhe-ia mais fácil quebrar o contacto ou agir com a maior frieza, se tal fosse necessário. Odiava quando os cadáveres emocionais do seu passado vinham à tona de água e inesperadamente surgiam no seu caminho, apesar de todos os cuidados que ele tomara para que ficassem esquecidos, bem no fundo, entre o lodo e as pedras. Nesses momentos os seus olhos cinzentos pareciam de gelo e tinha de usar todo o seu auto-controlo para lidar com a situação.

Só lhe faltava na vida um propósito, algo que necessitasse de todo o seu empenho e de toda a sua força. Castor não sabia exactamente o quê, mas tinha a certeza de que o reconheceria quando o encontrasse. E dedicar-se-ia a ele com todas as energias do seu coração, de uma forma apaixonada, sem olhar às consequências.

Mesmo com os seus esforços permanentes, não conseguia afastar todos e tinha de aguentar-se como podia no trabalho. Uma colega, Tania, seguia-o com persistência, apesar da frieza com que ele a tratava, tinha intenções românticas. A que porta ela viera bater! Castor fingia que não a via, como se ela estivesse coberta por um véu que a abafasse, que lhe toldasse os contornos. Diga-se, em abono dela, que Tania era terrivelmente persistente, como um sabujo na pista de um veado ferido. Meses depois, cansado de enxotá-la, ele deixou-a estar, deixou-a até aproximar-se. Era uma relação de facto que brotava, embora nunca assumida por palavras. Mas Castor ainda não estava plenamente convencido e procurava uma maneira de livrar-se

daquela inoportuna de uma vez por todas, a presença dela por vezes parecia sufocá-lo, sentia uma fúria a invadi-lo. Havia uma ideia que germinava lentamente dentro da sua cabeça, como uma comichão que ele não conseguia coçar e que com o tempo se tornava mais intensa, até ficar quase insuportável. Era necessário agir e sem tardar, se tivesse carro seria mais fácil. Assim, teria de agir de outra forma. Aproximou-se dela da forma mais dissimulada que conseguiu, com um sorriso nos lábios, embora os seus olhos não enganassem, de tão frios e mortos, para um convite que esperava que ela não recusasse:

— O que serias capaz de fazer por mim? O que me dizes a um passeio numa floresta escura, numa noite sem luas e sem estrelas? Numa noite tão negra que nem Deus pode ver o que se passa nela?

Já habituada às suas tiradas bizarras, naquele momento esperançosa, até feliz, com o coração mais acelerado, Tania respondeu-lhe:

— Sim. Passa por minha casa às oito horas.

Castor ficou de ir buscá-la de mota. A conduzir a caminho da casa de Tania, mantinha-se de semblante carregado, insensível até ao frio da noite. A rapariga, deveras apaixonada, aceitava tudo aquilo com muita ingenuidade, os seus olhos azuis e grandes não demonstravam alarme, nem preocupação. Só os lábios de Castor lhe tinham parecido involuntariamente gelados quando os beijara. Já nos arrabaldes de Esperança, as sombras das árvores e dos edifícios projectavam-se pelas ruas, a sombra da alma dele subjugava todas as outras. Não obstante a iluminação pública, a noite estava escura, carregada de nuvens.

A mota penetrou pelos caminhos cada vez mais estreitos, até que tiveram de parar e apear-se. Tania agarrava-se ao blusão de Castor, que prosseguia para o coração da floresta, orientando-se de uma forma que parecia sobrenatural, evitando os obstáculos no chão e as árvores em frente, sem a rapariga conseguir perceber como. O homem caminhava hirto, evitando dobrar-se demasiado, mesmo quando passavam por

pelos sundaneses. Mas sendo ambos súbditos do Império, a mensagem telepática ladoriana foi entregue, decifrada e respondida. Os sundaneses nunca tinham ouvido falar em humanos, entendiam que deveriam ser repulsivamente feios, ainda mais do que os lador e possivelmente mal-cheirosos. Sendo possuidores de um olfacto muitíssimo apurado, os sundaneses eram muito sensíveis aos cheiros, sobretudo de espécies alienígenas a Sunda. O seu líder, contudo, sabia da obrigação de ser solidário com os outros súbditos do Império e esperava ganhar prestígio entre os planetas imperiais e a estima dos tau-cetianos, com a expedição militar que já decidira enviar contra os humanos em Xanthos. Porque nem só de relações de subserviência e de hierarquia vivia o Império. Os sundaneses ainda se lembravam bem da epidemia que devastara o planeta há quatro décadas, e como uma armada imperial descera em Sunda, incluindo muitas naves-hospital tau-cetianas, equipadas com os mais modernos meios de tratamento e os mais reputados virologistas, para combaterem o tão mortífero vírus. Portanto, Sunda também tinha uma dívida colectiva que tinha de pagar, ajudando os lador.

As forças armadas sundanesas, que já tinham informado o embaixador tau-cetano em Sunda do que ocorria, organizaram rapidamente uma armada de cerca de cinquenta naves pesadas, com uma força de cinquenta mil soldados, que esperavam pudessem erradicar a presença humana de Xanthos, ou pelo menos lhes infligisse uma derrota brutal que os castigasse pelos seus actos sobre os lador e os obrigasse a ser tributários do Império. Os sundaneses pretendiam que Kao Kao ficasse pelo menos alguns meses em Sunda, organizando uma presença diplomática ladoriana no planeta, mas ele tinha pressa de regressar a Xanthos. Nunca lhe ocorrera as possibilidades que a diplomacia poderia abrir para os lador, e quando regressasse iria escolher ladorianos para serem os primeiros diplomatas. Por ele, queria apenas voltar à vida pacífica nas florestas de Xanthos, sobretudo na Ilha Sagrada,

a que os humanos chamavam a Ilha Verde, dedicando-se como os outros a escultura, à pintura e a outras artes. Ou talvez o regresso ao passado fosse impossível e os humanos tivessem de adaptar-se, sob pena de sucumbirem totalmente, de se extinguirem da face do Universo, e ele, Kao Kao, tinha de zelar por isso, era não só a sua missão, mas também a sua obrigação.

A guerra fratricida em Xanthos só foi interrompida quando os remanescentes da superfície e os cidadãos das Duas-Cidades foram confrontados com uma armada imperial originária de Sunda. Os soldados do Império estavam ansiosos por castigar os humanos e fazê-los pagar bem caro o massacre dos humanos, eram mais uma ameaça a juntar a todos os problemas que o planeta já apresentava aos oriundos da Terra. Vinham com excesso de confiança e ufanos, pensavam que os humanos já estavam derrotados à partida. Mas esqueciam-se de que os humanos em Xanthos também estavam a lutar pela sua sobrevivência, não apenas pela glória da vitória numa batalha. Estavam cada vez mais encostados à parede, e isso concedia-lhes forças para darem tudo o que tinham naquele confronto.

Usufruindo de uma trégua na guerra civil, autómatos das Duas-Cidades e muitos soldados humanos juntavam-se para poder organizar a resistência contra a expedição imperial. Seria o primeiro grande teste aos exércitos humanos, que já eram veteranos dos confrontos civis dos anos transactos, mas que agora teriam de derrotar um exército alienígena sundanês. Mas, com toda a boa-vontade, os sundaneses, tiveram de recorrer a tropas pouco experientes, os melhores soldados sundaneses estavam integrados em unidades imperiais noutros pontos da galáxia, onde os planos tau-cetianos de expansão se focavam, ou onde tinham de garantir uma presença mais musculada e de confiança.

Contra as expectativas iniciais dos súbditos imperiais a sua expedição foi derrotada. Os sobreviventes dos humanos foram levados uns para as Duas-Cidades e outros seguiram com os

sundaneses na sua fuga. O diplomata e vice-rei Kao Kao saiu definitivamente de Xanthos, com o coração pesado e a sua pele dourada mais baça do que nunca, mas voltando os olhos para o futuro não se deixou abater, pois sabia que os fugitivos que seguiam com ele poderiam prosperar em Sunda, não deixando de lutar pela causa dos seus irmãos que ficavam para trás, almejando um dia poder resgatá-los. Aquele reduto dos lados, seguro em Sunda, viveria e prosperaria. Desde que tivessem consigo os cristais, tudo estaria bem.

Os escassos sobreviventes dos lados em Xanthos foram levados para as profundezas mais negras de Castoriana, guardados por autómatos, e aí permaneceram desconhecidos pela maioria da população humana da cidade, com exceção de Castor e alguns dos seus mais próximos, enquanto para os humanos que permaneciam na superfície de Xanthos a situação piorava consideravelmente, agravando-se com os anos. Esperança morria.

Castor tinha sido como um salmão a subir a corrente, em clara divergência com as autoridades planetárias de Xanthos. Depois de um esforço hercúleo para subir o rio, desovaria, antes de morrer, e dessa multidão de sementes que deixava, viria uma prole duradoura, que abalaria o Universo.

7

Não havia outra solução. Vali, a suma-sacerdotisa do povo castoriano, voltou a consultar os dados que o gigantesco computador biônico projectava no ar diante dela e que continuavam a confirmar todos os anteriores receios de Castor. Se não abandonasse o planeta de Xanthos, o seu povo tinha os dias contados! Como se não bastassem as radiações do pequeno sol em torno do qual o planeta orbitava, que obrigava há décadas os castorianos a viver no subsolo, agora, Vali, a líder, neta de Castor, sabia sem margem para dúvida que

As Famílias tinham, nas suas casas, grandes riquezas em ouro, jóias e outros valores, que foram prontamente pilhadas e divididas entre o tesouro público das Duas-Cidades e os oficiais revoltosos. Para as Duas-Cidades era uma autêntica dádiva, com esse dinheiro poderiam financiar-se muitas obras públicas no futuro planeta onde queriam desembarcar. Na prática, era um roubo descarado e sanguinário, tudo aquilo que roubavam estava impregnado de sangue, cheirava fortemente a ferro, mas naquele momento, ninguém conseguiu sentir aquele odor.

8

Era a véspera do dia mais importante para as Duas-Cidades. A suma-sacerdotisa contemplou do alto dos seus aposentos a cidade de Castoriana, onde a luz artificial tudo iluminava. Daquela altura, as pessoas que circulavam nas ruas pareciam mais pequenas do que formigas e entregavam-se, como era tradição, às artes ou, como cada vez mais acontecia, à ociosidade. A esperança e a fé dos cidadãos esmoreciam. Em breve, Castor seria apenas um ídolo caído, talvez as pessoas demolissem os templos e escaqueirassem as imagens dele. A promessa que ele fizera ao seu povo ainda não tinha sido cumprida. Com um aperto no peito, Vali pensou que na manhã seguinte não haveria risos joviais nas ruas, mas antes pranto e gritos pela cidade e não pôde evitar duas lágrimas que lhe correram pelas faces. Faltava-lhe dar o passo final. Percorreu devagar e em silêncio os corredores metálicos que a conduziram até à sala do Conselho. Ali chegada, começou a trabalhar com Mentor, pedindo-lhe que abrisse o ficheiro do projecto Éden. Não contendo as lágrimas, a suma-sacerdotisa deu a ordem que enviaria a morte aos lares de milhões dos seus irmãos, ao romper do dia seguinte.

As naves *Genesis* estavam escondidas no deserto e eram vigiadas sem interrupção por robots fortemente armados.

Tentariam transportar o maior número de humanos possível. A cada dia, mais humanos desesperados surgiam aos portões das Duas-Cidades, implorando que os deixassem entrar. Mesmo aquela frota espectacular, que consumira as reservas de matérias-primas da nação subterrânea, não tinha capacidade para transportar todos, muito menos os trânsfugas, que à última hora mudavam de ideias e queriam colocar-se sob a protecção de Vali, como cidadãos das Duas-Cidades.

Homicídio em massa. Era nisso que Vali pensava naquele momento. Em como tivera de eliminar grande parte daqueles que nela tinham acreditado. Os mais fracos, os mais velhos, que poderiam não sobreviver à viagem, que tinham de dar lugar a outros, mais jovens, mais fortes, com mais fúria de viver, com o sangue mais quente. Os que iriam povoar Éden e fazer a civilização castoriana frutificar, desta vez de forma mais duradoura, à superfície, sob a luz de um sol saudável e acariciador. Ela tinha tido de fazer o papel de Deus e agora havia que viver com isso. Talvez sem remorso, mas com uma mancha que não poderia limpar. Esperava que no futuro a compreendessem, que dali a séculos dessem valor ao que ela tivera de fazer.

A cara daqueles que foram levados sob escolta das forças armadas e policiais das Duas-Cidades para as naves era digna de ser registada, era um êxodo de proporções épicas. A sua vista não estava habituada à luz da superfície, óculos escuros tinham sido distribuídos e, incrédulos, as suas bocas e olhos eram de espanto, quando viram as naves que finalmente os levariam para fora de Xanthos. A promessa seria cumprida. Orações e louvores surgiam nos lábios dos cidadãos das Duas-Cidades e, em breve, num coro espontâneo, entoavam o nome de Castor. Além deles, as altas patentes das forças armadas xanthianas, que haviam feito a paz com os castorianos, e os seus familiares, bem como muitas crianças das Famílias, tinham também lugar a bordo.

Quando as naves se ergueram, levantando poeira avermelhada do deserto, fazendo a sua estrutura metálica estremecer, todos a bordo deliraram. As pessoas gritavam, abraçavam-se umas às outras. Bastantes riam com gosto, batendo palmas, outras choravam de felicidade, limpando as lágrimas com as costas das mãos. Abriram-se garrafas de bebida e houve festa durante longas horas, ao som de instrumentos musicais. Os tripulantes, com os olhos atentos, concentrados, conduziram aquela frota para além da atmosfera de Xanthos, mergulhando no espaço negro, acelerando a caminho de Éden.

9

Na chegada ao planeta Éden, após anos de viagem, são e salvos da morte certa em Xanthos, Vali e os membros do Conselho da Nação das Duas-Cidades depararam-se com uma vegetação luxuriante e diversa. Era um planeta paradisíaco, que fazia jus ao nome que o cientista Nargos lhe tinha atribuído. Aquela segunda oportunidade era algo que iriam aproveitar da melhor maneira, pois sentiam de novo a esperança de um futuro auspicioso, num planeta de clima ameno, rico em vegetação e outros recursos. Além disso, era um planeta realmente belo para os olhos humanos, bastante pontilhado de lagos, e com paisagens de cortar a respiração, com as suas costas de areias brancas e mares de águas pouco profundas.

As autoridades começaram logo a montar um extensíssimo campo de tendas, as habitações provisórias para os cidadãos, enquanto se lançavam as fundações da capital, Nova Castoriana. Todos queriam ajudar e trabalhavam com gosto, tentando passar o máximo de tempo possível ao ar livre. A luz encantava-os, queriam embeber-se dela, nos tempos livres queriam estar sempre ao sol, mas havia avisos sobre as precauções a tomar, por causa das radiações UV. Multidões

juntavam-se para ver o nascer e o pôr-do-sol, era algo que fascinava todos, as pessoas ficavam em plena euforia. Grandes piras de sacrifícios foram acesas para louvar e agradecer a Castor. O seu corpo preservado viera de Xanthos e era unânime a defesa da necessidade de construir-se um templo condigno para albergá-lo. Quando os seus restos mortais foram trazidos da *Génesis I*, as pessoas acotovelavam-se para tocar naquele caixão envidraçado, as emoções estavam patentes nos rostos, e os sacerdotes aproveitavam o momento para trabalharem as massas, para trazê-las para o culto. Houve depois uma extensa cerimónia, presidida e conduzida por Vali, em devoção e reconhecimento ao seu avô. Nunca nas Duas-Cidades houvera uma tal concentração de fiéis desde que ela era suma-sacerdotisa. As pessoas estendiam-se a perder de vista, tiveram de instalar meios audiovisuais, para que a voz e a imagem de Vali chegassem a todos.

A grande maioria dos crentes em Xanthos tinham sido membros do cristianismo protestante de carácter anglo-saxónico, e uma pequena minoria tinha seguido práticas neo-pagãs ligadas a cultos lunares e femininos, como na Cidade Livre de Pharos, só os partidários de Castor, nas Duas-Cidades, tinham abraçado em consenso a nova religião.

O corpo de Castor, esse grande Pai, que cuidava dos seus filhos como o Sol banhava a todos, fora conservado como uma relíquia, recorrendo-se a muito antigas técnicas de embalsamento, mas essa era uma prática pouco comum. Usualmente os crentes em Castor eram cremados, elevando-se em direcção ao Sol. Não era de estranhar que aqueles que esperavam poder viver um dia à luz do dia, ao invés de em cidades subterrâneas, olhassem para os astros ardentes como entidades divinas. Castor tinha sido muito influenciado por obras de História, e os elementos do seu culto preservados no Livro Negro tinham amalgamado práticas romanas, persas e hindus, pertencentes a deuses solares como Sol, Mitra ou Suria.

Os humanos e as máquinas trabalhavam a um ritmo frenético, construindo sem parar, a actividade nunca cessava, organizada em turnos. Milhões de formigas esforçavam-se, erguendo uma cidade onde nada havia, adorando Vali como a sua rainha, rodeando-a de uma onda de amor e de gratidão, num espírito colectivo que lembrava os primeiros tempos das Duas-Cidades. Cada pessoa sabia o que esperavam dela e fazia a sua parte, indo mesmo além das suas forças, todos se esforçavam ao máximo. Nas poucas folgas que havia, os cidadãos maravilhavam-se percorrendo as redondezas, ficando encantados com toda a beleza que viam, sendo profundamente atingidos por ela, depois de tanto tempo contidos na artificialidade dos subterrâneos. Aquela era realmente a terra prometida. Castor não tinha mentido. Eles tinham crido e recebiam a sua recompensa em jóias cintilantes, em belezas que apenas tinham visto em filmes e fotografias, que alguns já duvidavam que fossem reais. Agora sim, valia a pena viver e com toda a fúria, inspirando o ar puro em grandes fôlegos, sentindo uma força de que não se lembravam, que nunca tinham sentido.

Como em tudo, havia um senão. Na vizinhança de Éden habitavam os laocetanos, num planeta frígido onde respiravam néon. Súbditos dos tau-cetianos, tiveram de dar a conhecer aos seus mestres a chegada daquela nova espécie, detectada pelos seus sensores em órbita, que já lhes trouxera tantas contrariedades em Xanthos. Os tau-cetianos tiveram a esperança de que o problema dos humanos se resolvesse por si mesmo, que morressem em Xanthos, mergulhados em confrontos internos, já que os sundaneses tinham falhado miseravelmente no seu ataque. A mensagem levou vários dias a chegar até às autoridades imperiais e foi com desagrado que o governante de Bishr, planeta habitado por colonos tau-cetianos, uma das jóias do Império, tomou conhecimento de que os humanos tinham escapado de Xanthos com vida e que agora instalavam-se nas proximidades de Laoce. Receoso de

que os humanos pudessem instigar rebeliões nos planetas dominados, o governante começou a organizar de imediato o recrutamento militar para fazer frente, assim que possível, à ameaça que os humanos representavam.

Também os humanos estavam conscientes da presença daquele novo inimigo e já tinha havido algumas escaramuças. Viam de novo as insígnias imperiais nos uniformes e equipamentos do oponente e temiam estar perante uma grande federação alienígena. Mas, agora, estavam imbuídos de uma fé inquebrável, que lhes dava a força e resistência que eles nunca imaginaram conseguir. Sentiam-se prontos para tudo, decididos, sem medo.

De Bishr, unidades imperiais de escol foram enviadas para Laoce, para mostrar aos laocetanos que eles não estavam sozinhos, a reforçar a sua capacidade militar. Lançar-se-iam com redobrada fúria sobre os humanos em Éden, almejando esmagá-los, desta vez. Pensavam até procurar, no espaço, o ninho de onde surgira aquela praga, aquela espécie hedionda, desejando declarar-lhe uma guerra sem quartel, que fortemente a enfraquecesse.

10

Organizando o novo Estado edeniano, que nascia segundo as linhas teocráticas que já tinham governado as Duas-Cidades, Vali deparava-se apenas com uma resistência formal por parte de uns poucos que desejavam uma sociedade liberal, laica e democrática, e que com os métodos que empregavam pareciam estar condenados ao fracasso, uma vez que o êxodo bem-sucedido de Xanthos tinha-lhe conferido uma aura de poder e prestígio e renovado o culto a Castor, que ninguém conseguia ofuscar.

A decadência do culto a Castor, a falta de fé e o ócio exacerbado eram agora coisa do passado, tinham ficado nas

Duas-Cidades, como se de repente alguém carregasse num botão e um formigueiro se tivesse posto em movimento. As pessoas estavam animadas, excitadas, dispostas a trabalhar e a lutar por Éden, contra tudo e contra todos. Era um ânimo generalizado que insuflara os humanos, dando-lhes alma e vida, e Vali e o resto do Conselho iriam aproveitar-se disso.

Castor era agora adorado verdadeiramente como um Profeta-Deus cuja visão salvara os xanthianos e os conduzira à Terra Prometida em Éden, depois de grandes tribulações e obstáculos que foram precisos vencer. Era esta a mitologia que servia de base às tradições e costumes daquele povo e que rodeava a sua cosmovisão, e a propaganda do regime edeniano iria usar isso a seu favor, para justificar as suas decisões e reforçar o poder de Vali, do Conselho, mas também dos sacerdotes do culto castoriano. Celebravam-se as datas do seu nascimento e da sua morte, o solstício de Verão, o solstício de Inverno e outras datas associadas no passado da Terra a cultos solares, como a Saturnália romana, que começava a 17 de Dezembro e terminava a 25 de Dezembro, dia do *Natalis Solis Invictis*, o nascimento do sol invencível.

O general Tau, medalhado comandante das forças militares das Duas-Cidades, agora elevado a marechal das Forças Armadas edenianas, não teve falta de voluntários para enfrentar a agressão laocetana que se aproximava e cuja força expedicionária deveria desembarcar em breve no planeta. Nas suas casas, muitas das quais ainda em construção, os edenianos recebiam os apelos dos seus governantes e respondiam-lhes, dispostos a darem as suas vidas, se necessário fosse. As pessoas saíam às ruas, organizavam espontaneamente festas em que se comia e bebia, se tocava e dançava até altas horas da noite. Os residentes mais abastados dos bairros compravam os víveres e organizavam tudo, e o dinheiro que se juntava era recolhido para apoio dos militares. Era um edificante exemplo de coesão e de força que os edenianos transmitiam. Na sequência destas festividades nasciam os Comitês de

Bairro, organizações civis que iam ajudar a gerir a situação em tempo de guerra, orientando até os serviços de ambulâncias e bombeiros, além de reservas alimentares de emergência. Estas reservas, que além de comida enlatada ou desidratada e água engarrafada incluíam roupas e calçado, iam sendo obtidas através de peditórios feitos porta-a-porta, recolhendo ainda avultadas somas em dinheiro.

Para lá das forças regulares, muitas das quais já veteranas das campanhas conduzidas em Xanthos, e muitos autómatos militares bem armados, todos os homens válidos e menos válidos que não estavam ao serviço das forças armadas receberam treino básico com armas ligeiras, e aos Sábados de manhã passeavam-se em exercícios nas charnecas e bosques que rodeavam Nova Castoriana. Aqueles homens, muitos dos quais habituados a uma vida sedentária, suavam as estopinhas a subir e a descer as colinas arborizadas, mas com esforço e persistência tornavam-se em soldados que teriam de ser tidos em conta.

Novas forças emergiam. Uma dessas, com quase vinte mil homens, era o Exército de Castor. Tinham começado o treino bastante depauperados em material, praticamente reduzidos a exercícios físicos e de combate corpo-a-corpo, mas não demorara muito a receberem armamento produzido às pressas pela Defeden, a nova empresa estatal de armamento. Em breve, iniciaram exercícios com fogo real e treinavam-se para se especializarem em dois tipos de cenários, segundo instruções estratégicas elaboradas pelo marechal Tau e o seu Estado-Maior: operações de combate urbano e sabotagem para fazer frente a um inimigo mais forte e mais bem equipado, como seriam os invasores; e operações de guerrilha nas florestas e montanhas de Éden, estabelecendo planos para um reduto fortificado nos picos e vales da montanha de Kadir, não muito longe da capital. Víveres, água, munições e armamento foram armazenados nas cavernas naturais, expandidas por maquinaria, ficando à guarda de elementos das forças regulares edenianas.

Outra força, eram os Guardas de Éden, formados por uma velha guarda de cem mil militares e polícias na reserva, veteranos de guerra e elementos inaptos para o combate. Esta força tinha atribuídas a si tarefas de patrulhamento, guarda e vigilância. Os cadetes da Escola Militar, na maioria bisonhos e ainda imberbes, sob o comando dos oficiais instrutores, jovens muito inexperientes, estavam destacados como força de reserva às ordens das Forças Armadas, a ser usada em caso dos laocetanos conseguirem romper as barreiras das tropas regulares.

Para equipar o Exército de Castor e os Guardas de Éden, a Defeden tinha laborado ininterruptamente. Haviam construído, com base em protótipos já existentes, novos tipos de armamento, leves e de fácil manuseio, mesmo com pouco treino. A primeira arma foi a pistola Éden I, com o seu carregador para dez balas de cerâmica especial. Também tinham produzido uma pistola-metralhadora a funcionar à antiga, com pólvora e balas de metal, algo que já não se via há muito tempo. Só os estampidos eram assustadores para quem não estava habituado.

Todo o planeta andava num frenesim, a reforçar as defesas onde era necessário, a acumular armas e mantimentos. As forças armadas tinham espalhado várias minas e armadilhas, muitas delas bastante simples e improvisadas que poderiam cobrar a sua parte de vítimas entre as forças atacantes. Contavam também com a fragilidade dos equipamentos que os laocetanos teriam de usar para sobreviverem naquela atmosfera, com um nível de oxigénio que para eles era fatal.

Cabia a Vali passar revista às tropas para lhes levantar a moral, a sua presença amada era sempre um estímulo na direção certa. Naquele momento, ela viajava para uma base de caças, encarregues de deter a poderosa frota espacial laocetana. A agenda da suma-sacerdotisa estava sempre incrivelmente preenchida, mas preparar todos para a batalha que se avizinhava era a máxima prioridade. Ela conhecia bem as suas obrigações e desde criança que não se furtava a elas.

Vali chegou no seu carro blindado, com uma escolta de soldados. Em frente ao edifício da administração, ainda a cheirar a novo, a cimento e a tinta, um canteiro de túlipas, florido, destoava. Aquilo que ficaria ali bem em tempo de paz, em tempo de guerra era de mau gosto, como um espectáculo de palhaços num velório. Talvez tivessem querido agradar-lhe e as túlipas tivessem sido levadas para ali da noite para o dia, cientes da sua visita, graças ao trabalho esforçado e às horas extra de jardineiros competentes.

Daquela base, os caças edenianos levantariam vôo para enfrentar as naves de ataque dos laocetanos. As altas patentes da base receberam a suma-sacerdotisa com muita veneração e reverência, mas ela queria estar junto dos soldados, dos guardas, dos jovens pilotos. Os cadetes da 52.^a esquadrilha edeniana, recém-formados, ostentavam nos seus uniformes as asas douradas de piloto, e espaireciam um pouco, sabendo que iam entrar em acção em breve, posando para diversas fotografias de propaganda. Um deles pegava num cãozinho, um cachorrinho roliço e macio, de pêlo curto e focinho engraçado, a mascote recém-desmamada da reformada esquadrilha, virando-o para a câmara, enquanto outros jovens olhavam embevecidos e alegres o pequeno animal, que ganhava baixinho. Pareciam um simples grupo de amigos, num momento de descontração juvenil.

Vali não conseguiu deixar de pensar que eram apenas miúdos, naquele momento tão descontraídos e sorridentes como crianças pequenas, e era sobre aquelas costas franzinas que recaía o peso de deter a ofensiva inimiga. Os olhos deles eram brilhantes e risonhos, olhos de quem nunca matara, esperançosos e vivos. A suma-sacerdotisa abençoou-os, não conseguindo evitar pensar que em breve teria muitas piras funerárias para abençoar também, as quais encheriam o céu de Nova Castoriana com o seu fumo.

Os laocetanos aproximaram-se numa madrugada. Tinham efectuado um forte bombardeio orbital de Éden com

as suas naves mais poderosas, provocando fundas crateras, antes de enviarem a sua frota de caças e transportes para a superfície de Éden. Enraivecidos, desejosos de vingança, os laocetanos disparavam as suas armas, abrindo grandes crateras na superfície de Éden e destruindo edifícios, que caíam como lava incandescente. A força de invasão propriamente dita, equipada com escafandros para proteger os laocetanos da atmosfera de Éden, desembarcava, dirigindo-se para Nova Castoriana. Era seu intento arrasar a cidade, não sem antes capturar um bom número de humanos, com ideias de propaganda. Queriam exibi-los em Laoce e noutros planetas do Império, quem sabe até colocá-los em jardins zoológicos, para gáudio dos súbditos imperiais.

O Exército de Castor, equipado com grandes quantidades de TNT, Semtex e outros explosivos militares, estava bem entrincheirado na cidade, que de resto estava quase vazia. Os dirigentes, bem como a maioria dos civis, habituados à vida nas Duas-Cidades, estavam escondidos em abrigos subterrâneos. Havia até um túnel que conduzia às montanhas. O centro de comando edeniano encontrava-se a muitos metros de profundidade, imune aos fortes ataques laocetanos e quase inexpugnável. A construção daquele *bunker* em particular fora feita de modo a minimizar os efeitos dos bombardeamentos. Os milicianos ofereciam uma forte resistência e com os seus explosivos e armas ligeiras ceifavam grande número dos inimigos. Muitos destes morriam com facilidade devido aos rasgões e buracos nos seus escafandros, não obstante os remendos de emergência a que tentavam recorrer.

Os rapazes da 52.^a esquadrilha pilotavam os caças em direção às maiores naves laocetanas. Cruzadores e couraçados, mantinham-se em órbita de Éden e eram usados para bombardeamentos pesados. Os jovens humanos lançavam tudo o que tinham contra eles, mas os escudos de energia dos atacantes eram poderosos e tinham muitas armas autónomas defensivas, que desfaziam as naves edenianas.

Os caças despedaçavam-se contra os escudos de energia, atingidos ao de leve pelos disparos dos sistemas de defesa. Alguns deles eram atingidos em cheio pelos canhões mais pesados e rebentavam em explosões de luz, como rosas brancas que desabrochassem e imediatamente murchassem, morrendo.

Aqueles jovens de dezanove, dezoito, dezassete anos que estavam a ser aniquilados, procuravam os pontos mais vulneráveis das naves inimigas, nomeadamente os exaustores de escape dos propulsores. Alguns, sem pensarem duas vezes, entravam pelos exaustores, despedaçando as naves e a si mesmos, começando a infligir danos à frota atacante. Em quem pensariam nos seus últimos momentos, aqueles meninos? Certamente não em si mesmos. Morreriam eles com a imagem de Vali na sua mente? Com a imagem dos pais? A de um amor juvenil?

Que preço alto os edenianos estavam a pagar por aquela resistência desesperada, por aquele sacrifício que lhes colocava a vitória ao alcance das mãos. Nova Castoriana ficaria empestada com o cheiro das piras funerárias, não haveria mãos a medir para os sacerdotes durante muitos dias. Se houvesse cheiro que definisse a civilização que Castor fundara, esse seria o odor da carne queimada, incluindo da humana.

Os edenianos haviam montado barricadas e, recorrendo a tudo o que tinham, as forças armadas edenianas atacaram os invasores, causando-lhes muitos mortos e feridos. Os laocetanos estavam sem qualquer orientação, pois os seus líderes estavam a morrer nas grandes naves ou tinham encetado uma fuga desesperada para Laoce, face ao enxame de naves que os atacava e às ordens contraditórias nas suas fileiras. O combate em Nova Castoriana foi brutal e muito sangrento. Os laocetanos estavam em desvantagem por terem de usar escafandros naquele planeta cuja atmosfera lhes era tão letal, mas, ainda assim, foram vencendo as barreiras humanas e fazendo alguns prisioneiros.

As bases e instalações militares em Éden sofriam a fúria do assalto laocetano, que pretendia destruir a presença

humana naquele sistema, o Império tau-cetiano não perdoava quem atacava os seus súbditos e os soldados imperiais atacavam com todos os meios à sua disposição. Os de Laoce tinham bombardeado uma base aérea edeniana a partir de grande altitude, fazendo chover bombas de termite, que provocavam enormes incêndios brancos e cujos efeitos eram piores do que os obtidos com *napalm* ou com fósforo. O coronel Young, a bordo de um veículo blindado ligeiro, foi dos primeiros a chegar ao local. Era secundado por uma série de veículos médicos e de bombeiros, tripulados por para-médicos, enfermeiros e socorristas. Vários veículos com capacidade anti-míssil e anti-aérea compunham o resto da coluna.

Em certos sítios, o calor das chamas tinha derretido o alcatrão das pistas, e grandes pulverizadores de pó extintor eram usados pelos bombeiros para apagar as labaredas. O coronel, apeado, andava por ali como que esgazeado. Errava no ar o cheiro do alcatrão e de carne queimada. Vários edifícios da base estavam em chamas, com um fumo negro tóxico, que fazia arder os pulmões. O oficial não sabia para onde virar-se. De repente, um militar, passou por ele, a correr pela pista principal fora. Das suas costas exalava fumo, as roupas a arder revelavam já a pele e a carne terrivelmente queimadas cujo hediondo odor se espalhava pelo ar. O soldado prosseguia sem um queixume, silencioso, rumo ao horizonte, impulsionado por uma força invisível, como uma marioneta controlada por algo superior a si.

Young deixou para trás a zona das pistas e encaminhou-se a passo acelerado para a zona dos edifícios. Casamatas fumegantes e abandonadas e sacos de areia rebentados, por onde se escoavam grãos minúsculos, mostravam que nem os que estavam mais abrigados tinham sido poupados. Um soldado andava de gatas, esgravatava o chão como se estivesse à procura de alguma coisa. Na mão esquerda agarrava uma mão humana, que se prolongava por parte de um antebraço e terminava num coto sangrento.

— Viu o meu amigo? Só encontrei isto dele, procurei por todo o lado, mas não encontrei mais nada. Sei que é a mão dele porque tem no dedo o anel do curso. Tinha acabado o curso de arquitectura há dois meses, estava tão orgulhoso!

Young não conseguiu dizer nada. O mancebo parecia não querer largá-lo:

— O que é que vou dizer aos pais dele?! Que só encontrei isto? Pode fazer-se o funeral só de uma mão?

O coronel seguiu a correr e por onde passava o cenário era de terror. O soldado continuou ali, a procurar o resto do seu camarada. Mais adiante, um soldado sentado sobre os calcanhares, coberto de sangue seco, fuligem e pó, segurava ao colo um corpo terrivelmente queimado, cuja cabeça desfigurada pendia para trás. O suor fazia com que tudo se agarrasse à sua cara, compondo uma máscara grotesca. O soldado embalava o corpo queimado, enquanto chorava copiosamente. Era o seu irmão mais novo. Ao lado, um soldado, com o rosto salpicado de queimaduras graves, estava de joelhos, batia no peito com um exemplar do Livro Negro, enquanto repetia hipnoticamente versículos da obra de Castor. De entre pilhas de destroços, emergiam crânios humanos, pernas, intestinos, botas, roupas, papéis queimados, armas, pedaços de vidro, vigas de metal retorcidas. Uma bandeira intacta mantinha-se no seu lugar, drapejando ao vento com fúria, e muitos panfletos com máximas do castorianismo voavam por ali, caoticamente, ignorados por todos.

Os feridos estavam a ser reunidos pelas equipas de socorro, e, consoante os seus ferimentos, era feita uma triagem. Aqueles que não tinham esperança, procuravam consolá-los da melhor maneira, dando-lhes drogas anestésicas, enquanto lhes prometiam tudo e mais alguma coisa: grandes piras funerárias, o holocausto de dezenas de cavalos, fanfarras e marchas, o amor eterno de Castor, a bênção de Vali, medalhas. Como se mentia aos moribundos, para que morressem felizes!

Mas, apesar de tudo, aqueles jovens eram generosos e altruístas. Em face da morte não pensavam em si mesmos, mas só nos outros, e alguns partiam tristes por apenas terem uma vida para oferecer por aqueles que amavam. Muitos estavam horrivelmente queimados, a sua vida escoava-se velozmente, o cronómetro das suas existências já gastara todas as horas. Os enfermeiros injectavam-lhes poderosos opiáceos, para lhes tirar as dores fortes, para os acalmar antes do espasmo final. Eles agarravam-se à vida com desespero, prendendo os braços dos enfermeiros e dos médicos, agarrando-lhes as fardas. Não queriam desistir de viver, mas chegavam os seus momentos finais, proferiam por entre os lábios queimados e desfigurados, ou brancos como a cal, as suas últimas palavras:

“Contem aos meus pais que não sofri”.

“Peçam ao meu irmão para me perdoar. Fui eu que lhe roubei os cinquenta créditos”.

“Digam ao Michael que sempre o ameii”.

A sua preocupação era acalmar os que ficavam, com as suas derradeiras palavras, palavras de onde os seus entes queridos extrairiam algum consolo e alguma força para superarem aquele desgosto.

Noutra zona, os invasores conseguiram ocupar uma base edeniana, que os humanos tinham evacuado, para fazer pousar os seus caças e transportes. Sem aviso, os cadetes da Escola Militar de Éden efectuaram um ataque surpresa, incitados pelos seus instrutores e por uma vontade indomável de agradar a Vali. Com essa fúria, dizimaram os laocetanos, e pilotos humanos, ajudados por prisioneiros laocetanos, tomaram posse das naves, que conduziram para esconderijos pré-determinados nas florestas e montanhas. Foi um duro golpe para os invasores que assim tinham perdido a base e teriam agora de desembarcar nos arrabaldes ou no centro de Nova Castoriana, estando sujeitos desde o primeiro minuto a fogo inimigo.

Do seu lado, os humanos estavam empenhados em usar engenharia inversa para poderem decifrar as complexidades

da tecnologia alienígena e construir os seus próprios modelos de armamento avançado.

As armas anti-aéreas edenianas, que até então tinham estado quase caladas, começaram a disparar criando uma cortina de projecteis que tornava perigoso o apoio aéreo a curta distância. Muitas pequenas naves inimigas enxamearam e retiraram-se, tentando alcançar Laoce, negligenciando a sua infantaria que era varrida pelos humanos e que, incapaz de estabelecer posições fortes, estava prestes a soçobrar. As milícias e as forças regulares edenianas não davam descanso aos invasores, que acabaram por render-se sendo aprisionados. Os prisioneiros laocetanos feridos receberam tratamento e podiam respirar à vontade a atmosfera de veneno a que estavam habituados.

Engenheiros e outros especialistas das forças armadas e da Defeden começaram a analisar os equipamentos militares abandonados pelos laocetanos, bastante mais avançados do que aqueles que os edenianos possuíam. Tinham vencido uma batalha assimétrica, estudando e usando as táticas de velhos mestres da Terra, que no seu tempo haviam derrotado forças tecnologicamente muito superiores, nomeadamente do general Giap, famoso guerrilheiro Vietcongue.

Os militares mortos foram medalhados e queimados com todas as honras, e os civis voltaram aos poucos para as suas casas, as que ainda existiam. Muitas famílias tinham pago com sangue o preço de colonizarem Éden; porém, em vez de ter causado fricções e conflitos, aquela batalha serviu para unir ainda mais todos os humanos que tinham deixado Xanthos. Vali soube manobrar o povo, mostrando-lhe a sua generosidade e benevolência por meio de pensões e outras atribuições de dinheiro a quem enviuvava, perdera um filho ou outro parente, ou aos que ficaram feridos com gravidade. O povo sentia verdadeira gratidão para com a sumasacerdotisa e ela era verdadeiramente amada.

Nas fábricas subterrâneas da Defeden e de outras empresas que surgiam, tendo em conta que o campo da defesa

parecia ser um sector em expansão, eram em breve produzidos caças e transportes a partir dos usados pelos laocetanos, que seguiam as especificações padrão do equipamento do império tau-cetiano, bem como armas pessoais mais ou menos ligeiras e veículos de superfície. Estavam também a ser organizadas missões militares ao espaço em redor de Éden, para se recuperarem os destroços de naves pesadas e outro equipamento do inimigo a serem estudados e replicados.

Algumas dessas empresas nascentes eram detidas por capitais ligados ao regime, na figura de altos dignatários, generais e coronéis, solidificando assim o poder de Vali. Nargos, o cientista-chefe do projecto Éden, fora nomeado ministro da Ciência e detinha vinte por cento das acções da Segureden, empresa produtora de equipamentos de segurança e defesa, para a polícia edeniana. Mikysa, a ex-chefe da polícia das Duas-Cidades, detinha quinze por cento da empresa. Não podia queixar-se. Era também superintendente-mor das forças policiais edenianas. Vali não se esquecia dos seus. Os que lhe eram fiéis só tinham a ganhar, e o cenário começava a tomar forma de um modo que lhe era muitíssimo favorável, com esta inequívoca vitória sobre os laocetanos.

11

Após a derrota, os laocetanos tinham sido obrigados a aceitar os termos impostos pelos humanos, sendo desarmados e renunciando à sua relação com os tau-cetianos. O poder dos edenianos crescia exponencialmente, visto que as naves laocetanas encerravam o que para os humanos era um tesouro sem preço, o sistema de propulsão tau-cetiano permitia viajar pelo espaço de forma muito mais rápida do que o que os edenianos utilizavam. Era um trunfo que caía de forma inesperada nas mãos de Vali e que ela saberia utilizar exemplarmente, e não só para fins militares. Tinha o desejo

de ligar Éden à Terra, permitindo àqueles filhos perdidos do planeta azul restabelecerem o contacto com o seu berço, e de estabelecer colónias edenianas na Via Láctea, aumentando o poder e a extensão do seu regime.

Novas fábricas foram construídas em Éden, com os trabalhadores a fazerem turnos ininterruptos para que o trabalho nunca parasse e com o objectivo de começarem a construir uma frota comercial e uma armada que fosse ainda mais poderosa. Os engenheiros humanos passavam longos turnos a estudar as formas de aperfeiçoar a tecnologia alienígena em proveito de Éden e da melhoria das características e desempenho das naves. Queriam confrontar a Terra com aquele facto consumado, uma flotilha poderosa, quer militar, quer civil. Humana, mas controlada por Éden.

Em Nova Castoriana, estava a ser erguido um enorme templo que além de ser o maior do culto a Castor, albergaria os seus restos mortais. O seu corpo preservado tinha sido retirado com todos os cuidados de Xanthos, e, agora, Éden além de espalhar a sua influência política e militar, queria converter a galáxia. A ambição de Vali parecia não ter limites, ela queria tudo e queria-o já. Era preciso nunca deixar de sonhar.

Em quase todos os lares edenianos, o Livro Negro encontrava-se numa posição de destaque, geralmente na sala de estar ou no vestíbulo, em exposição, aberto numa qualquer página que tivesse uma passagem muito citada. Nas livrarias havia sempre um exemplar na montra. Em todos os edifícios públicos, uma cópia estava no átrio, em posição central, onde quem entrava não podia deixar de vê-lo. Nos hotéis e noutros alojamentos um exemplar era colocado em cada mesa-de-cabeceira. Não obstante, poucos eram os que realmente tinham lido as suas densas quatrocentas páginas, e muito menos aqueles que as tinham compreendido. Esse encargo era reservado sobretudo aos académicos, que por vezes passavam uma vida dedicada ao estudo e comentário do Livro Negro, e aos sacerdotes e missionários do castorianismo, que através

de um esforçado proselitismo sonhavam com espalhar aquela religião e difundir o Livro Negro pelo Universo.

Quando o mausoléu ficou pronto, a inauguração foi feita com toda a pompa, e a população estava em peso nas ruas de Nova Castoriana. Os fiéis queriam ser os primeiros a visitar os restos mortais de Castor e comprimiam-se nas ruas que davam acesso ao templo. Estavam vestidos com trajes de peregrinos, túnicas brancas e chapéus negros, empunhando tochas e cantando hinos a Castor. Os sucessos e as vitórias dos humanos em Éden, a fuga de Xanthos, tudo isso reforçara o poder e prestígio de Vali, que se apoiava no clero, que encabeçava, e nas várias forças militares e para-militares do planeta.

Os representantes do clero, passavam aos magotes, com as túnicas brancas bordadas a dourado, distinguindo-os do povo. Portavam velas de diversos tamanhos, desenhos, pálios e, alguns deles, o Livro Negro. Aquelas procissões e festejos prolongavam-se durante horas e eram imensamente concorridas.

Em Éden, milhões de exemplares do Livro Negro eram impressos, enquanto jovens de ambos os sexos recebiam formação para deixarem o planeta e seguirem para os planetas que os edenianos colonizariam e mesmo para a Terra, espalhando a palavra de Castor. Era um verdadeiro exército de missionários que se recrutava, preparado para conquistar os corações e as mentes de novos fiéis. Tudo seria financiado pelo Estado edeniano e os jovens missionários não teriam de pagar nada do seu bolso. Era uma saída que muitos rapazes e raparigas escolhiam para evitar o serviço militar além de poderem viajar muito para fora do seu planeta natal. A religião castoriana recebia muitos donativos de particulares e de empresas, sobretudo nas datas mais importantes para o culto, as datas do nascimento e da morte de Castor, e todos os donativos, fosse qual fosse o seu montante, estavam isentos de impostos. Eram quantias fabulosas que se acumulavam nas contas bancárias e que os mais altos sacerdotes castorianos,

ÍNDICE

PARTE I	
OS ENAMORADOS.....	9
PARTE II	
A SUMA-SACERDOTISA	107
PARTE III	
O IMPERADOR.....	193
PARTE IV	
A MORTE.....	299